

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA E O SENSO DE  
AUTOEFICÁCIA EM ATLETAS

MICHEL HABIB MONTEIRO KYRILLOS

São Cristóvão  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA E O SENSO DE  
AUTOEFICÁCIA EM ATLETAS

MICHEL HABIB MONTEIRO KYRILLOS

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Educação Física da  
Universidade Federal de Sergipe no exame  
de defesa como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Educação  
Física

Orientador: Prof. Dr. Afrânio de Andrade Bastos

São Cristóvão  
2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

K99m	<p>Kyrillos, Michel Habib Monteiro</p> <p>Motivos para a prática esportiva e o senso de autoeficácia em atletas / Michel Habib Monteiro Kyrillos ; orientador Afrânio de Andrade Bastos. – São Cristóvão, 2016.</p> <p>72 f.</p> <p>Dissertação (mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.</p> <p>1. Esportes – Aspectos psicológicos. 2. Motivação. 3. Atletas. I. Bastos, Afrânio de Andrade, orient. II. Título.</p> <p>CDU 796:316.628</p>
------	--

## Folha de Aprovação

MICHEL HABIB MONTEIRO KYRILLOS

MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA E O SENSO DE  
AUTOEFICÁCIA EM ATLETAS

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Educação Física da  
Universidade Federal de Sergipe no exame  
de defesa como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Educação  
Física

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Orientador: Prof. Dr. Afrânio de Andrade Bastos

---

2º Examinador: Prof. Dr. Marcos Bezerra de Almeida

---

3º Examinador: Prof. Dr. Camila Moura Ferreira Vorkapic

## PARECER

---

---

---

---

---

---

São Cristóvão  
2016

Dedico a todos os atletas de alguma forma  
procuram no esporte o seu reconhecimento.

## AGRADECIMENTOS

De uma forma ou de outra, diversas pessoas contribuíram para a concretização desta jornada. Agradeço a todos que contribuíram para a concretização desta jornada.

A Deus, por me acompanhar em todos os momentos, restaurando minhas forças, pelas oportunidades colocadas em minha vida, pela força interior e glórias alcançadas.

A minha esposa Liamara, agradeço pelo estímulo para vencer o desafio do mestrado, a compreensão pelas minhas ausências e pelas palavras de incentivo, o apoio nas horas difíceis e a alegria dos bons momentos.

Aos meus filhos Miguel e Helena, agradeço pela compreensão pelos momentos que me mantive presente, mas ao mesmo tempo ausente, e por me ajudar com o seu amor a me manter firme na realização de mais uma etapa desta vida.

Aos meus pais, Eunice e Michel, pela torcida na conclusão do meu mestrado.

Ao meu orientador Afrânio de Andrade Bastos, pela oportunidade de aprendizagem em que me oportunizou. Obrigado pela sabedoria, paciência, experiência, compreensão e disponibilidade e amizade.

Ao Instituto federal de Sergipe (IFS) e a Universidade de Sergipe (UFS), pela oportunidade de poder ingressar no programa de mestrado.

## RESUMO

Atualmente, a prática esportiva é um fenômeno social que inclui uma série de fatores psicológicos que podem ser determinantes na conduta esportiva. Assim, o estudo dos fatores motivacionais e das crenças de autoeficácia é essencial para o desenvolvimento e manutenção dos atletas em programas esportivos. Sendo assim, os objetivos dessa dissertação são: a) identificar e analisar os motivos para a prática esportiva e a autoeficácia em atletas sergipanos; b) comparar os motivos para a prática esportiva e a autoeficácia em atletas que recebem ou não auxílio financeiro do programa Bolsa Atleta (estudo 1); c) analisar os motivos para a prática esportiva de atletas de esportes individuais (estudo 2); d) analisar os fatores influenciadores da autoeficácia de atletas de esportes individuais (estudo 3). Foi identificado que em todos os atletas os motivos extrínsecos são predominantes assim como uma alta autoeficácia. Quando analisados apenas os atletas de esportes individuais, os resultados indicam que os principais motivos de participação são os considerados extrínsecos, como a competição, aptidão física e competência técnica. Vários são os fatores que influenciam a autoeficácia em atletas de esportes individuais, sem existir um fator predominante. Conclui-se que os motivos apresentados como os mais importantes foram Competição, Competência Técnica e Aptidão Física, considerados como extrínsecos e que a autoeficácia sofre variação em função do atleta possuir ou não o auxílio financeiro. Nos esportes individuais, os fatores motivacionais mais valorizados foram a Competição, a Competência Técnica e a Aptidão Física, que são considerados como motivos extrínsecos. Quanto maior a experiência e maior o nível competitivo, ocorre uma diminuição na pontuação média dos motivos que levam os atletas a realizarem uma prática esportiva. A autoeficácia sofre variação em função da modalidade esportiva que se pratica, onde os atletas da Natação apresentaram um senso de autoeficácia maior que os demais. O sexo, a idade, o tempo de prática e o nível competitivo, por si só, não são determinantes para influenciar a autoeficácia.

Palavras-chaves: **motivação, autoeficácia, esporte**

## ABSTRACT

Currently, the practice of sport is a social phenomenon that includes a number of psychological factors that can be decisive in the sporting conduct. Thus, the study of motivational factors and self-efficacy beliefs is essential for the development and maintenance of athletes in sports programs. Thus, the objectives of this work are: a) identify and analyze the reasons for sports and self-efficacy in Sergipe athletes; b) Compare the reasons for sports and self-efficacy in athletes who receive no financial aid or the Athlete Grant program (study 1); c) To analyze the reasons for sports to individual sports athletes (Study 2); d) To analyze the factors that influence self-efficacy of individual sports athletes (Study 3). It was identified that in all the extrinsic reasons athletes are prevalent as well as a high self-efficacy, with variation from the presence of financial aid. When analyzed only athletes from individual sports, the results indicate that the main reasons for participation are considered extrinsic, such as competition, physical fitness and technical expertise. There are several factors that influence self-efficacy in individual sports athletes, not be a predominant factor. It follows that the reasons presented as the most important were Competition, Technical and Physical Fitness competence, considered as extrinsic and self-efficacy suffers variation in athlete's function having or not financial aid. In individual sports, the most valued motivational factors were the competition, the Technical Competence and Physical Fitness, which are considered as extrinsic reasons. The more experience and higher competitive level, there is a decrease in the average score of why athletes performing a sport. Perhaps the self-efficacy varies depending on the sport that is practiced, where athletes swimming had a sense of self-efficacy higher than the others. Sex, age, practice time and the competitive level alone are not decisive to influence self-efficacy.

**Keywords: motivation, self efficacy, sport**



## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO .....	1
2- REVISÃO DE LITERATURA .....	3
2.1- MOTIVOS PARA A REALIZAÇÃO DE UMA PRÁTICA ESPORTIVA.....	3
2.2- TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO .....	4
2.3- HABILIDADE FÍSICA PERCEBIDA .....	7
2.4- AUTOEFICÁCIA .....	8
2.5- DESEJO DE ACEITAÇÃO SOCIAL.....	11
3. OBJETIVO GERAL.....	12
3.1. OBJETIVO ESPECÍFICO .....	12
4. REFERÊNCIAS .....	13
5 – ARTIGO 1 .....	16
O Bolsa-atleta e a sua relação com a motivação e a autoeficácia .....	16
6 – ARTIGO 2.....	36
Motivos de aderência à prática esportiva em atletas de esportes individuais .....	36
7 – ARTIGO 3.....	52
A Autoeficácia em atletas de esportes individuais .....	52
8- CONCLUSÕES .....	61
ANEXOS .....	62
APÊNDICE .....	66

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

### CAPÍTULO 1

Tabela 1 Necessidade de Aprovação Social em atletas de esportes individuais.....	27
Tabela 2: Comparação dos fatores motivacionais de atletas bolsistas e não bolsistas.....	28
Tabela 3: Comparação da autoeficácia de atletas bolsistas e não bolsistas.....	29

### CAPÍTULO 2

Tabela 1: Necessidade de Aprovação Social em atletas de esportes individuais ...	42
Tabela 2 Variáveis que apresentaram diferenças estatísticas significativas em função dos esportes praticados.....	43
Tabela 3: Variável que apresentou diferença estatística referente a idade.....	43
Tabela 4: Variáveis que apresentaram diferenças estatísticas significativas referentes a idade.....	44
Tabela 5: Variáveis que apresentaram diferenças estatísticas significativas referentes ao tempo de prática.....	44
Tabela 6: Variáveis que apresentaram diferenças estatísticas significativas referentes ao nível de competição.....	45

### CAPÍTULO 3

Figura 1: Autoeficácia em esportes individuais.....	56
Figura 2: Autoeficácia em relação ao sexo em atletas de esportes individuais.....	56
Figura 3: Autoeficácia em relação à idade de atletas de esportes individuais.....	57
Figura 4: Autoeficácia em relação ao tempo de prática de atletas de esportes individuais.....	57
Figura 5: Autoeficácia em relação ao nível de competição de atletas de esportes individuais.....	58

## 1- INTRODUÇÃO

Muitas equipes esportivas de alto rendimento atualmente têm um alto grau de especialização, formado por um corpo profissional multidisciplinar, como por exemplo, professores de educação física, fisioterapeutas, nutricionistas, médicos, fisiologistas, psicólogos, entre outros. Estas equipes começaram a perceber que o atleta, para ser campeão, não bastava ter a melhor preparação física e técnica, mas que precisava estar em harmonia com o seu corpo.

Observando grandes eventos esportivos, como Copa do mundo, Campeonatos mundiais, Jogos Olímpicos, percebe-se que apesar dos atletas brasileiros contarem com os mais avançados métodos treinamento e equipamentos, em algumas modalidades não obtêm os melhores resultados, até mesmo ficando abaixo do esperado. Isso pode ocorrer devido a fatores emocionais e/ou ambientais que influenciam o rendimento esportivo como um todo. E para auxiliar na preparação do atleta contra esses fatores, a preparação psicológica é atualmente fundamental para o rendimento esportivo. Assim, a Psicologia do Esporte é uma área da ciência que estuda as pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e físicas e na aplicação prática desses conhecimentos. Tem como metas de estudo entender como os fatores psicológicos afetam o desempenho motor e também entender como a participação na atividade física afeta o desempenho psicológico (1).

Deste modo, a preparação psicológica de um atleta em conjunto com os aspectos técnicos e táticos, são ingredientes essenciais para o sucesso e o fracasso em determinada prática esportiva. E, como ocorre em equipes de esportes coletivos, mesmo sendo tecnicamente inferior, mas estando confiante e motivada, na maioria das vezes conseguirá seus objetivos. Segundo Gouvêa (2), dentro do campo esportivo não é suficiente que o esportista tenha a capacidade para conseguir um bom rendimento em seu esporte, mas também que queira realizá-lo e acredite que tem capacidade para isso.

O esporte é um fenômeno social muito importante, principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil. Assim, os atletas veem o esporte como sua atividade profissional, e a possibilidade de ascender socialmente e obter ganhos

financeiros realizando sua atividade esportiva. Logo, surge a cobrança em se obter os melhores resultados, a busca e o compromissos profissionais com os patrocinadores, aquela remuneração combinada que não foi paga no tempo correto, etc. Todas essas possibilidades podem levar um atleta a perder o foco em sua preparação e na competição como um todo. Assim, um atleta bem preparado psicologicamente, consegue manter-se motivado e confiante para a realização de sua prática, deixando de lado fatores externos que possam influenciar o seu rendimento.

O desenvolvimento do esporte no Brasil é garantido pela constituição federal de 1988, que traz garantias para o fomento práticas formais e não-formais com a garantia de autonomia das entidades esportivas quanto sua organização e funcionamento. A carta magna também sinaliza para a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional, como também, para o desporto de auto nível. Segundo Corrêa *et al.* (3), após os Jogos Olímpicos de Sidney (2000), inicia-se uma discussão para justificar uma necessidade de maior investimento para fomentar o desenvolvimento do esporte.

Assim, com a promulgação da lei nº 10.891 (4) e regulamentada pelo decreto nº 5342 (5), foi instituído em 2004 o Bolsa-Atleta, que é um programa de financiamento do governo federal aos atletas de rendimento do país, com a intenção de destinar recursos financeiros para a manutenção esportiva de atletas (3). Como ocorre em outros municípios e estados brasileiros, o município de Aracaju também possui o seu programa de auxílio financeiro à atletas, o Bolsa Atleta Aracaju. Instituído pelo decreto nº 3679 de 2011, é destinado a atletas praticantes do desporto de alto-rendimento, em modalidades olímpicas e paralímpicas, bem como naquelas modalidades vinculadas ao Comitê Olímpico Internacional (COI) e ao Comitê Paralímpico Internacional (CPI).

Portanto, essa pesquisa se justifica pelas novas possibilidades na pesquisa com motivação e a autoeficácia, sendo atualmente um tema de grande relevância para a preparação esportiva de atletas de alto rendimento, principalmente no Brasil. Existem poucos estudos no Brasil com a temática do Bolsa Atleta ou de qualquer outro tipo de auxílio financeiro, principalmente sobre a existência da melhoria dos níveis de motivação e autoeficácia. Além disso, contribuirá para o melhor entendimento dos técnicos e demais profissionais dos mecanismos que

levam a aderência e a manutenção no esporte, podendo ser uma ferramenta a mais para a melhoria do rendimento e evitar o abandono precoce.

Para realização desta pesquisa haverá a seguinte questão a ser respondida: Os fatores motivacionais e os níveis de autoeficácia de atletas que recebem auxílio financeiro do bolsa atleta diferem daqueles que não recebem auxílio financeiro algum?

Nesse sentido as hipóteses a serem avaliadas neste estudo são:

H<sub>1</sub>- Os fatores motivacionais e de autoeficácia de atletas que recebem auxílio financeiro do Bolsa Atleta são diferentes daqueles que não recebem o auxílio.

H<sub>0</sub>- Os fatores motivacionais e de autoeficácia de atletas que recebem o auxílio financeiro do Bolsa Atleta não diferem daqueles que não recebem o auxílio.

## **2- REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1- MOTIVOS PARA A REALIZAÇÃO DE UMA PRÁTICA ESPORTIVA**

O que leva um indivíduo a realizar uma prática esportiva? Vários motivos podem estar envolvidos, como o prazer, a relação social, e a retribuição monetária, por exemplo. Assim, entende-se que um indivíduo estando motivado para a realização de uma prática de atividade física ou esportiva, deve considerar o processo como ativo, intencional ou dirigido a uma meta, que dependendo da interação dos fatores psicossociais, podendo ser intrínsecos e extrínsecos (6). Assim, a motivação representa como uma variável importante para a prática esportiva.

Como representa como uma variável importante para a prática esportiva, a motivação é definida por vários autores. Pode-se considerar que motivação é uma pré-disposição interna do indivíduo que o leva a atuar diretamente com uma direção, intenção e objetivo a uma meta, que dependerá de fatores intrínsecos e extrínsecos (1) (7) (8) (9).

A maioria das pessoas encaixa seus conceitos sobre motivação em uma das que são: visão centrada no traço ou centrada no participante, centrada na situação e a visão interacional da personalidade. De acordo com Weinberg e Gold (1), a visão centrada no traço ou no participante se refere a personalidade,

necessidades e objetivos de um aluno, atleta ou praticante de exercícios físicos, que são determinantes do comportamento motivado. A visão centrada na situação faz referência ao nível de motivação determinado pela situação em que se encontra um aluno, atleta ou praticante de exercícios naquele momento. A visão interacional da motivação, menciona não apenas os fatores relacionados aos indivíduos (personalidade, interesse, necessidades e objetivos), mas também aos fatores situacionais (estilo do técnico ou do professor ou registros dos ganhos e perdas de um time). A melhor maneira de entender a motivação é considerar tanto a pessoa como a situação e o modo de interação entre elas (1).

Várias são as aproximações teórica que tentam entender o processo motivacional. Neste estudo optou-se utilizar como base a teoria da autodeterminação.

## **2.2- TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO**

A teoria da autodeterminação sustenta que uma compreensão da motivação humana requer uma apreciação inata das necessidades psicológicas relacionadas para a competência e a autonomia (10). Proposta por Deci e Ryan (2000), explica os padrões motivacionais em contextos esportivos e estabelece diferentes níveis de motivação ao longo de um contínuo, desde a amotivação, passando pela baixa autodeterminação chegando até uma elevada autodeterminação (10) (11) (12).

A teoria da autodeterminação distingue a motivação nas diferentes razões ou objetivos que dão origem a uma ação. Essa teoria parte do princípio de que o comportamento humano é incentivado por três necessidades fisiológicas primárias e universais, tais como a autonomia, a capacidade e relação social. Estas parecem ser essenciais para facilitar o ótimo funcionamento das tendências naturais para o crescimento e a integração, assim como também para o desenvolvimento social e bem-estar pessoal (10) (13).

Dentro da teoria de autodeterminação, temos a Teoria de Integração do Organismo, a qual estabelece que a motivação seja contínua, caracterizada por níveis de autodeterminação, que variam do mais ao menos autodeterminado. Esta sofre influência da interiorização, que é um processo pelo qual as pessoas aceitam os valores e os procedimentos reguladores estabelecidos pelo contexto

social (11) (13). Além da Teoria da Avaliação Cognitiva que determina que os eventos e as estruturas interpessoais, tais como recompensas e o *feedback* de uma ação, são uma contribuição para os sentimentos de competência durante uma ação (13).

A Motivação Intrínseca é o compromisso de uma pessoa com a atividade por vontade própria (11), ou seja, se refere ao engajamento na atividade para seu próprio prazer e satisfação no processo de conhecer, explorar, aprofundar a atividade, que não depende de fatores externos exclusivamente (7) (9). A motivação intrínseca é subdividida em: para saber, para realizar e para experiência. A motivação intrínseca para saber é quando um indivíduo executa uma atividade para satisfazer uma curiosidade, ao mesmo tempo em que aprende tal atividade. A motivação intrínseca para realizar se refere a um indivíduo que executa uma atividade pelo prazer de sua prática. Já a motivação para experiência, se refere quando um indivíduo frequenta uma atividade para experimentar novas situações estimulantes que sejam relevantes para a sua atividade (14). A motivação intrínseca parte do pressuposto de que um indivíduo participa voluntariamente na prática de um esporte, com uma aparente ausência de recompensas ou de pressão externa, e também, pelo engajamento na prática esportiva pelo próprio interesse, satisfação e prazer pela prática. Portanto, como a motivação intrínseca tem origem nas necessidades psicológicas de competência, autodeterminação e relacionamento, esta é um fator preponderante para iniciar e permanecer na prática de esportes (15).

A motivação extrínseca é um comportamento que ocorre quando um indivíduo se engaja numa atividade que é feita para alcançar algum resultado (7), e que está relacionada a fatores externos que podem direcionar o comportamento do atleta, como por exemplo: troféus, elogios, bolsas de estudo, estrutura adequada de treinos e salários (14). Estes fatores precisam ser valorizados e utilizados adequadamente por treinadores, pais e dirigentes, pois podem colaborar na manutenção e na modificação do comportamento dos atletas (11). Segundo Múrcia e Coll (11) e Vallerand (7), a motivação extrínseca é subdividida em regulação externa, regulação integrada, regulação identificada e introversão ou introjeção.

A regulação externa ocorre quando o comportamento é regulado externamente (10), como por exemplo, premiações materiais ou medo de consequências negativas, como por exemplo, críticas sociais. Pode ser observado no âmbito esportivo quando o treinador impõe penalidades aos atletas, quando não realizam as tarefas propostas (14). Segundo Bernardes, Guedes e Yamaji (15), um exemplo para esse tipo de motivação, é quando um jovem que pratica uma modalidade esportiva com a intenção de ter o reconhecimento do treinador ou para obter recompensa financeira ou material.

Regulação integrada é considerada a forma mais autodeterminada ou autônoma de determinado comportamento extrinsecamente motivado (14). Envolve o engajamento de um indivíduo numa atividade a partir de outras formas de escolha, que são feitas em função de uma coerência com os vários aspectos de seu eu (7). Com a continuação da integração, um indivíduo pode identificar a importância daquela atividade para si mesmo, havendo menos pressão, sentimento de culpa e ansiedade (11).

Para Vallerand (7), na regulação interiorizada um indivíduo começa a internalizar as razões para suas ações. Embora inicialmente externa, é internalizada com comportamentos reforçados por pressões internas como a culpa, ou com a necessidade de ser aceito. Ou seja, esse comportamento pode ser visto quando alguém realiza uma atividade por “descargo de consciência” (14).

A Regulação Identificada consiste na aceitação do comportamento por razões extrínsecas, mas permitindo a percepção de algum controle e possibilidade de escolha da atividade (15). Isto ocorre quando um sujeito realiza uma tarefa (ou comportamento), a qual uma atividade é considerada como importante, mesmo que não seja interessante (14). Por exemplo, no diálogo de um atleta que diz que aulas de alongamento são importantes porque seu treinador disse, e mesmo não gostando de executar, ele o realiza.

Murcia e Coll (11), Deci e Ryan (13) e Bernardes, Guedes e Yamaji (15), identificam mais uma categoria relacionada a motivação extrínseca, denominada de Introversão ou Introjeção. A introversão ou introjeção implica estabelecer deveres ou regras para a ação, ou seja, envolve na resolução de impulsos conflituosos, do tipo fazer ou não fazer, e os comportamentos resultantes que



provêm de reforço de pressões internas, como culpa, orgulho, vergonha e ansiedade. Na sua forma clássica, representa o desenvolvimento do ego, o qual está relacionado com as expectativas de autoaprovação e de impedir os sentimentos de culpa e ansiedade, assim como também de alcançar as melhorias do ego e orgulho.

Por fim, a amotivação ou desmotivação é caracterizada pelo sujeito que não tem a intenção de realizar algo e, quando realiza, é provável que a atividade seja desorganizada e acompanhada de sentimentos de frustração, medo ou depressão, não existindo motivos para iniciar ou se manter numa atividade esportiva (7) (11) (15).

### **2.3- HABILIDADE FÍSICA PERCEBIDA**

O conceito de habilidade física percebida se encontra dentro de um conceito mais amplo, o de autoeficácia. Este tem como referência as crenças positivas sobre a própria competência, em geral, estão associadas ao melhor desempenho das atividades e a manutenção do envolvimento da tarefa (12). Assim, para Bastos *et al.* (16), a capacidade de alcançar um determinado nível de execução é parte do processo de conduta do atleta, cujas consequências produzem um determinado resultado, devendo ter ênfase em centrar a atenção seletiva durante a competição sobre as variáveis do processo e não o resultado. A habilidade física percebida não se refere ao nível de habilidade real que um indivíduo tem, e sim, a crença que ele tem em si mesmo (16).

A teoria da Competência Percebida foi elaborada por Suzan Harter em 1991, e consiste tanto numa construção cognitiva como uma construção social, que é conhecida como *self* (17). Assim, todas as tentativas dos esportistas de se sentirem competentes, independentemente dos resultados obtidos, a execução das tarefas deve ter um certo nível de dificuldade e devendo ser suscetível para serem alcançadas com êxito (8).

A Teoria da Competência Percebida ou Motivação para a Competência, é usada para explicar as diferenças no comportamento de realização, especialmente em crianças. Essa teoria sustenta que as pessoas são motivadas a

se sentirem dignas ou competentes e, além disso, esses sentimentos são os principais determinantes para a motivação. Garante também que as percepções de controle sobre a capacidade de aprendizado e de desempenho das habilidades por um atleta, trabalham junto com as avaliações de autoconceito e competência para influenciar suas emoções (1).

Ryckiman et al. criaram em 1982 a Escala de Autoeficácia Física (Physical Self-Efficacy Scale- PSES), que é composta por duas sub-escalas, que são a de Habilidade Física Percebida (Perceived Physical Ability (PPA) e a denominada Confiança na Autoapresentação Física (Physical Self-Presentation Confidence). Os itens da escala Habilidade Física Percebida avaliam o nível de confiança na não execução de habilidades físicas. A subescala de Confiança na Autoapresentação Física procura estimar o nível de autoconfiança desenvolvido por habilidades físicas na presença dos outros. Combinando cada subescala, temos uma medida global denominada de Autoeficácia Física Generalizada (Physical Self-Efficacy) (8).

## **2.4- AUTOEFICÁCIA**

A teoria autoeficácia foi elaborada por Bandura dentro de sua teoria social cognitiva, é utilizada para investigar a autoconfiança na área do esporte e do rendimento motor. A teoria social cognitiva estuda como o comportamento humano é definido pela interação entre os fatores pessoais, comportamentais e o meio ambiente (1).

Vários autores (1) (12) (18) (19) (20) (21) (22) conceituam a autoeficácia, como sendo as crenças que os indivíduos têm em realizar certas tarefas específicas, envolvidas em um processo cognitivo, tendo habilidade de reagir às demandas ambientais e lidar com situações estressantes.

Segundo Gouvêia (2), a teoria social cognitiva de Bandura define dois conceitos básicos para autoeficácia: a expectativa de eficácia pessoal e a expectativa de resultados. A expectativa de eficácia pessoal tem relação com a crença individual na sua capacidade em executar uma ação para satisfazer as demandas de uma situação, influenciando as atividades nas quais o indivíduo

escolhe fazer, o esforço gasto nessas atividades e o grau de persistência, demonstrado ao encontrar falhas ou estímulos adversos (18). Já a expectativa de resultado está relacionada às crenças pessoais de que um comportamento qualquer levará ou originará determinados resultados (se eu acertar a cortada na quadra adversária no final do jogo e minha equipe vencer, serei reconhecido pelos outros como um jogador capaz, por exemplo) (2).

De acordo com a teoria social cognitiva de Bandura (1) (22), os sentimentos da eficácia se baseiam em seis fontes de informações: Realização de Desempenho, Experiências Indiretas, Persuasão Verbal, Experiências Imaginativas, Estados Fisiológicos e Estados Emocionais. Elas não são mutuamente exclusivas em relação a informação que fornecem, embora algumas destas sejam mais influentes que outras.

As Realizações de Desempenho se referem na experiência pessoal. Se um atleta for bem-sucedido, seu nível de autoeficácia será alto, mas após fracassos sucessivos suas expectativas de eficácia são mais baixas (1). Para Dithurbide e Feltz (22), de todas as fontes de eficácia, as mais evidentes são quando um atleta ou equipe obtém algum sucesso.

Também conhecida como demonstração, modelagem ou experiência vicária, as Experiências Indiretas são uma forma em ajudar o atleta na aprendizagem de outras habilidades (1). As crenças na eficácia de atletas ou em equipes têm sido influenciadas pela observação, e também, pela avaliação de outros atletas no desempenho de equipes ou individualmente (22). Segundo Weinberg e Gould (1), para o aprendizado através da observação primeiro deve prestar atenção no modelo observado, para que possa ser memorizado e retido. Mas muitas vezes, mesmo observando as habilidades físicas de um modelo e se lembrar de como fazê-lo e mesmo assim, podem ainda não ser capazes de realiza-las. Por isso, é muito importante motivar através de elogios, pela promessa de recompensas, utilizando uma atividade como modelo ou modelos que os motivem (1).

A Persuasão Verbal, segundo Dithurbide e Feltz (22), é amplamente utilizada provavelmente devido a sua facilidade e disponibilidade. Para Weinberg e Gould (1), incentivar a correção de gestos e erros e fazer elogios, são importantes e úteis para melhorar a autoeficácia.

As Experiências Imaginativas acontecem quando os atletas continuamente se imaginam vencendo um adversário. Esses atletas podem gerar crenças sobre a eficácia ou falta de eficácia pessoal, imaginando que eles próprios ou outros estão se comportando eficaz ou ineficazmente em situações futuras, como em uma vitória ou derrota. (1) (22).

Os Estágios Fisiológicos influenciam a autoeficácia quando os atletas associam a ativação fisiológica aversiva com mau desempenho, percepção de incompetência e percepção de fracasso, mas se é vista como facilitadora, então a autoeficácia aumenta (1).

Por fim, os Estados Emocionais não são simplesmente produto de ativação fisiológica, e sim podem ser uma fonte adicional de autoeficácia (1). Quando seu efeito é positivo (felicidade, excitação, calma), atletas tem uma maior sensação de eficácia sobre seu desempenho do que quando os efeitos são negativos (depressão, ansiedade, tristeza) (22).

Os níveis de autoeficácia podem aumentar ou diminuir a motivação, e isso faz diferença na forma como as pessoas se sentem, pensam e agem (21). Quando positiva, a autoeficácia é importante, por ser considerada determinante para o bom desempenho dos atletas. Por outro lado, quando negativa pode gerar dúvidas, especialmente se as crenças positivas ainda não estiverem estabelecidas (23). E, quanto menos experiência um atleta tiver com determinada tarefa ou situação, mais ele se fixará em outros indivíduos para julgar suas próprias capacidades, levando-o a uma baixa confiança e uma maior preocupação em seu desempenho, podendo bloquear o seu rendimento. Já um atleta confiante, tem a convicção de que suas capacidades estão de acordo com as suas demandas em relação a determinada situação (2).

Dithurbide e Feltz (22) e Machado et al. (23) destacam três dimensões relacionadas a teoria cognitiva social de Bandura: o nível, a força e a generalização. O nível de eficácia se refere à realização de uma tarefa por um atleta em diferentes níveis de dificuldades (22). A força da eficácia refletirá o grau de certeza de que o atleta será capaz de executar certas tarefas com distintos níveis de dificuldade, e, a generalização das expectativas, que remete ao número de domínios, situações específicas ou especialidades de um atleta para considerar eficaz (23). Mas, não basta o indivíduo possuir elevada expectativa de

autoeficácia pessoal, se esse indivíduo não possuir conhecimentos, competências ou aptidões básicas para as tarefas que terá de executar (2). Ou seja, quanto maior o esforço e maior a busca de resultados, maior é a autoeficácia (20).

No esporte, a autoconfiança é um dos fatores psicológicos mais frequentemente citados por sua influência sobre o rendimento esportivo. Sendo assim, autoeficácia pode ser também, em determinadas situações, considerada como sendo autoconfiança (20). Para Machado (18), autoconfiança se refere ao grau de firmeza e confiança numa determinada crença, sem especificar a situação. Diferentemente, a autoeficácia é a crença que um indivíduo tem em executar ou atingir determinados níveis de rendimento. Elevada autoeficácia é condição necessária, porém só isso não é suficiente para uma boa execução. Para que esta última se produza, o atleta tem de possuir também a motivação e as habilidades necessárias para realizar a ação.

Estudos relacionados a diversos esportes (12) (24) (25) (26) (27) e com praticantes de atividade física (28) (29), avaliam a relação entre autoeficácia e desempenho esportivo. Segundo Moritz et al. (20), as avaliações de autoeficácia são usualmente construídas por uma lista com uma série de perguntas, frequentemente variando entre a dificuldade, complexidade, desgaste ou outra situação dependendo da situação específica a ser explorada.

Quando os atletas possuem baixa percepção de autoeficácia, ou seja, duvidam de suas próprias capacidades e se dão conta de que nem seus esforços nem os dos outros que o cercam têm efeito sobre os resultados que obtêm, então se tornam apáticos e cada vez estão mais resignados com as circunstâncias. Se, além disso, observam que os demais obtêm recompensas por seus esforços e eles não, os sentimentos de autodepreciação e depressão se unem à apatia e a resignação (2).

## **2.5- DESEJO DE ACEITAÇÃO SOCIAL**

Atualmente, a prática esportiva é um fenômeno social que inclui uma série de fatores psicológicos que podem ser determinantes na conduta esportiva, sendo também uma preocupação que esse comportamento seja socialmente desejável.

O processo de responder conforme o socialmente desejado constitui um tópico de interesse há décadas, segundo afirma Oliveira (30). Para Scagliusi et al. (31), o desejo de aceitação social foi definido como a propensão de um indivíduo fornecer a resposta que ele considera mais desejada e aceita pela sociedade, independentemente de ser verdadeira.

O estudo do desejo de aceitação social tem como principal objetivo de evitar a contaminação de alguma variável em uma investigação. Com o propósito de evitar ambiguidades nas respostas, foi criado por Marlowe e Crowne e validado no Brasil por Scagliusi *et al.* (31), a escala de desejo de aceitação social. Esta escala se refere à tendência dos indivíduos em projetar imagens favoráveis de si mesmo durante a interação social. Refere-se também à necessidade de aprovação e aceitação social, com a crença de que esta pode ser obtida por meio de condutas culturalmente apropriadas e aceitáveis (8).

### **3. OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral desta dissertação foi identificar e analisar os motivos para a prática esportiva e a autoeficácia em atletas.

#### **3.1. OBJETIVO ESPECÍFICO**

1. Comparar os motivos para a prática esportiva e a autoeficácia em atletas que recebem ou não auxílio financeiro do programa Bolsa Atleta (estudo 1);
2. Analisar os motivos para a prática esportiva de atletas de esportes individuais (estudo 2);
3. Analisar os fatores influenciadores da autoeficácia em atletas de esportes individuais (estudo 3)

#### 4. REFERÊNCIAS

- 1 Weinberg RS; Gould D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2008. 624 p.
- 2 Gouvea, FC. Análise da auto-eficácia em atletas de modalidades individuais e coletivas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. 2003; 2(2): 45-60.
- 3 Corrêa AJ, Moraes e Silva M, Mezzadri FM, Cavichioli FR. Financiamento do esporte olímpico de verão brasileiro: mapeamento inicial do programa “Bolsa Atleta” (2005-2011). Pensar a Prática. 2014; 17(4): 1-15.
- 4 Brasil. Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004. Institui a Bolsa-Atleta.
- 5 Brasil. Decreto-Lei nº 5.342, de 14 de janeiro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta.
- 6 Samulski D M. Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Manole; 2009. 496 p.
- 7 Vallerand R J. Intrinsic and extrinsic motivation in sport. Encyclopedia of applied psychology, 2004;2(10): 427-435 Acesso em: 19/01/2016. <http://www.er.uqam.ca/nobel/r26710/LRCS/papers/128.pdf>.
- 8 Bastos A A. La motivación para la práctica en nadadores brasileños: relación con la habilidad física percebida y con la orientación de metas de logro [Tese de Doutorado]. Leon-Spain: Universidad de Leon; 2006.
- 9 Miranda R, Bara Filho M. Construindo um atleta vencedor: uma abordagem psicofísica do esporte. Porto Alegre: Artmed; 2008. 199 p.
- 10 Deci E, Ryan R. The 'What' and 'Why' of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behavior. Psychological Inquiry. 2000;11(4): 227-268.
- 11 Múrcia J A M, Coll D G C. A permanência de praticantes em programas aquáticos baseada na Teoria de Autodeterminação. Fitness & Performance Journal. 2006;5(1):5-10.
- 12 Gomes SS, Miranda R, Bara Filho MG, Brandão MRF. O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas. Revista de Educação Física/UEM. 2012; 23(3):379-387.
- 13 Ryan RM, Deci EL. Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions. Contemporary Educational Psychology. 2000; 25(1):54-67.

- 14 Balbinotti MAA, Capozzoli CJ. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2008;22(1):63-80.
- 15 Bernardes AG, Yamaji BHS, Guedes DP. Instrumentos para identificar os motivos para prática de esporte: opções disponíveis na literatura. *Pensar a Prática*. 2015;18(1):1-25.
- 16 Bastos A A, Salgueiro A, González-Boto R, Márquez S. Habilidad Física Percebida en nadadores de competición brasileños. *Cuadernos de Psicología del Deporte Dirección General de Deporte-CARM*. 2005; 5 (1 e 2): 245-255.
- 17 Balaguer I, Pastor Y. Um estudo acerca de la relación entre el autoconcepto y los estilos de vida em la adolescência media. *Psicologia online*. 2001. <http://www.psicologia-online.com/viopa2001/actividades/56/>. Acesso em: 29/01/2016.
- 18 Machado A A. *Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan;2006. 308 p.
- 19 Pesca AD, Cruz RM, Ávila Filho MAP. Estudos de autoeficácia em psicologia do esporte. *Revista de Psicologia do Cesusc*. 2010;1:1-16.
- 20 Moritz S, Feltz D, Fahrback K, Mack D. The relation of self-efficacy measures to sport performance: a meta-analytic review. *Research Quarterly For Exercise & Sport*. 2000; 71(3): 280-294.
- 21 Scholz U, Doña BG, Sud S, Schwarzer R. Is General Self-Efficacy a Universal Construct? Psychometric Findings from 25 Countries. *European Journal of Psychological Assessment*, 2002; 18 (3): 242–251.
- 22 Dithurbide L, Feltz D. Self-Efficacy and Colletive Efficacy. In: Tenenbaum G, Eklund RC, Kamata A (Editors.). *Measurement in sport and exercise psychology*. Champaign, Estados Unidos: Human Kinetics; 2012. 552 p.
- 23 Machado TA, Paes MJ, Berretz SR, Stefanello JMF. Autoeficácia esportiva: uma revisão integrativa dos instrumentos de medida. *Revista de Educação Física/UEM*. 2014;25(2):323-333.
- 24 Ferreira JP, Gaspar P M, Campos M J, Senra C M. Autoeficácia, competência física e autoestima em praticantes de basquetebol com e sem deficiência física. *Motricidade*: 2011; 7 (1): 55-68.



- 25 Ortega E, Olmedilla A, Sainz de Baranda P; Gómez M A. Relationship between the level of self-efficacy, performance indicators, and participation in youth basketball. *Revista de Psicología del Deporte*. 2009; 18 (3): 337-342
- 26 Nazario PF, Caruzzo NM, Lima FEB, Santos VAP, Vieira JLL, Contreira AR. Níveis de motivação em nadadores: uma comparação em relação a autoeficácia, sexo e categorias da modalidade. *BIOMOTRIZ*: 2013; 7(01).
- 27 Moreno RM. Autoeficácia de tenistas e desempenho esportivo: perspectivas da psicologia do esporte [dissertação]. Rio Claro (SP): Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, Instituto de Biociências; 2007.
- 28 Reigal R, Videra A, Gil J. Práctica física, autoeficacia general y satisfacción vital en la adolescência. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el deporte*. 2014; 14(55):561-576. [Http://cdeporte.rediris.es/revista/revista55/artdiseno480.htm](http://cdeporte.rediris.es/revista/revista55/artdiseno480.htm)
- 29 Barros MB, Iachite RT. Autoeficácia para a prática de atividade física por indivíduos adultos. *Motricidade*. 2012; 8 (2):32-41.
- 30 Oliveira JFA. Estudos de validação da Escala de Desejabilidade Social - DESCA Joana Filipa Amado de Oliveira. [Dissertação de Mestrado]. Coimbra-Portugal: Universidade de Coimbra; 2013.
- 31 Scagliusi FB, Cordás TA, Polacow, VO et al. Tradução da escala de desejo de aceitação social de Marlowe & Crowne para a língua portuguesa. *Revista de Psiquiatria Clínica*. 2004; 31(6): 272-278.

## **5 – ARTIGO 1**

(Formatação conforme as normas de submissão de artigo na revista Motriz)

### **O Bolsa-atleta e a sua relação com a motivação e a autoeficácia**

Michel Habib Monteiro Kyrillos; Afrânio de Andrade Bastos

## O Bolsa-atleta e a sua relação com a motivação e a autoeficácia

### RESUMO

O objetivo deste estudo foi comparar os motivos para a prática esportiva e a autoeficácia em atletas que recebem ou não auxílio financeiro do programa Bolsa Atleta Aracaju. Participaram deste estudo 52 bolsistas e 56 não bolsistas, com idade entre 11 a 21 anos ( $14,6 \pm 0,7$  anos). Foram utilizados os seguintes questionários: Participation Motivation Questionnaire (PMQ), Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP) e a Necessidade de Aprovação Social. Quando observada a necessidade de aprovação social, seus resultados não apresentam diferenças significativas, onde quanto mais alta for a pontuação obtida, maior a necessidade de aprovação social se manifestará no indivíduo. Os resultados demonstram que os fatores motivacionais que apresentaram as maiores médias foram Competição, Competência Técnica e Aptidão Física, para os dois grupos, caracterizando-se como extrínsecos. Foi demonstrado que os atletas são motivados e possuem senso de autoeficácia alto, com os bolsistas pontuando ainda mais que os não bolsistas. Conclui-se que os motivos apresentados como os mais importantes foram Competição, Competência Técnica e Aptidão Física, sendo considerados como extrínsecos e que a autoeficácia sofre variação em função do atleta possuir ou não o auxílio financeiro. Direções de futuras pesquisas são propostas.

**PALAVRAS CHAVE:** esporte, motivação, autoeficácia

## ABSTRACT

The aim of this study was to compare the motives for sport participation and self-efficacy of athletes who receive or not financial aid from the athlete scholarship program of Aracaju. The study included 52 scholarship athletes and 56 non-scholarship athletes aged 11-21 years ( $14.6 \pm 0.7$  years). The following questionnaires were used: Participation Motivation Questionnaire (PMQ), General Self-efficacy Scale (EAEGP) and Need for Social Approval. When the need for social approval was observed, the results showed no significant differences, where the higher the score, the greater the need for social approval. The results show that the motivational factors with the highest averages were Competition, Technical Competence and Physical Fitness for both groups, characterized as extrinsic. It has been also shown that athletes are motivated and have high sense of self-efficacy, and those receiving scholarship scoring more than those not receiving scholarship. It follows that the motives presented as the most important were Competition, Technical Skills and Physical Fitness, being considered as extrinsic, and that self-efficacy is associated to presence or absence of financial aid. Further studies on this topic should be carried out.

**KEYWORDS:** sport, motivation, self-efficacy

## Introdução

As políticas públicas para a seleção de atletas de alto rendimento ocorrem em todo o mundo, onde a gerência eficiente e eficaz das instituições esportivas deixa de ser algo necessário, passando a ser uma obrigação (Ordonhes, Luz & Cavichioli, 2016). A seleção e detecção de atletas para o alto rendimento nos

países em geral, se baseiam de acordo com 3 pilares: a sociedade em geral, o sistema esportivo e o ambiente do sistema esportivo (Digel, 2002). Enquanto nos Estados Unidos, o sistema esportivo determina uma intervenção mínima do estado, na França e Reino Unido, o esporte é considerado como política pública (Green & Oakley, 2001). Existindo também a presença do estado em países do antigo bloco socialista (Rússia e o Leste Europeu) e China.

A Constituição Federal do Brasil traz garantias para o desenvolvimento do esporte, possibilitando a autonomia das entidades esportivas quanto a organização e funcionamento, como também o fomento das práticas formais e não-formais. A Carta Magna também sinaliza para a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional, como também o de alto rendimento. Assim, com a promulgação da lei nº 10.891 e regulamentada pelo decreto nº 5342, foi instituído em 2004 um programa de financiamento do governo federal aos atletas de rendimento do país, com a intenção de destinar recursos financeiros para a manutenção esportiva de atletas conhecido como Bolsa-Atleta (Correia *et al*, 2014). Como ocorre em outros municípios e estados brasileiros, o município de Aracaju também possui um programa de auxílio financeiro aos atletas, chamado de Bolsa Atleta Aracaju. Instituído pelo decreto nº 3679 de 2011, é destinado a atletas praticantes do desporto de alto-rendimento, em modalidades olímpicas e paralímpicas, bem como naquelas modalidades vinculadas ao Comitê Olímpico Internacional (COI) e ao Comitê Paralímpico Internacional (CPI), mas que não fazem parte do programa olímpico e paralímpico.

Segundo Mazzei *et al*. (2014), o Brasil tem aumentado o valor investido no esporte de auto rendimento, com o objetivo de obter os melhores resultados esportivos em grandes eventos internacionais. Estes fatores não são os únicos

que fazem um atleta de alto rendimento ter sucesso esportivo. Ele precisa estar preparado também nos aspectos físicos, técnicos e psicológicos, que são essenciais para o sucesso ou insucesso determinada prática esportiva.

A motivação para a prática esportiva de um atleta é um mecanismo psicológico que conduz a direção, a intensidade e a persistência do comportamento (Murcia & Coll, 2006; Gomes, Miranda, Bara Filho & Brandão, 2012; Murcia, Cervello & Coll, 2007), que depende da interação dos fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). De acordo com a teoria da autodeterminação, os padrões motivacionais em contextos esportivos, estabelecem níveis motivacionais ao longo de um contínuo, desde a amotivação, passando pela baixa autodeterminação até uma alta determinação (Murcia & Coll, 2006; Gomes, Miranda, Bara Filho & Brandão, 2012; Ryan & Deci, 2000).

É possível considerar que o financiamento de atletas, seja de alto rendimento ou a nível escolar, se dá de duas formas: através de bolsa de estudo em universidades ou escolas particulares (como ocorre em outras partes do mundo) ou através financiamento público tipo o Bolsa-Atleta, como no Brasil. Assim, ganhar troféus, receber elogios de treinadores, ter uma estrutura adequada de treinos e salários, são algumas formas de motivar o atleta na busca de seus objetivos. Segundo Bernardes *et al.* (2015), esse tipo de motivação é considerado como motivação extrínseca, que acontece quando uma atividade é realizada para alcançar algum resultado, e que está relacionada a fatores externos, direcionando o comportamento do atleta.

Segundo Múrcia *et al.* (2006) e Vallerand (2004), a motivação extrínseca é subdividida em regulação externa, regulação integrada, regulação identificada e introversão. A regulação externa é quando o comportamento é regulado

externamente com premiações, materiais ou medo de consequências negativas, como críticas sociais, por exemplo (Balbinotti & Cappazzolli, 2008). A Regulação integrada envolve o engajamento de um indivíduo numa atividade a partir de outras formas de escolha, que são feitas em funções de uma coerência com os vários aspectos de seu eu (Amorose & Horn, 2000). Para Vallerand (2004), na Regulação Interiorizada um indivíduo começa a internalizar as razões para suas ações. A Regulação Identificada ocorre quando um sujeito realiza uma tarefa (ou comportamento), a qual uma atividade é considerada como importante, mesmo que não seja interessante (Balbinotti & Cappazzolli, 2008). A Introversão ou Introjeção descreve um tipo de regulamento interno que ocorre quando uma pessoa realiza um ato a fim de melhorar ou manter a autoestima e seu sentimento de valor (Ryan & Deci, 2000). Envolve a resolução de impulsos conflituosos, do tipo fazer ou não fazer, e os comportamentos resultantes que provêm de reforço de pressões internas, como culpa, orgulho, vergonha e ansiedade (Murcia & Coll, 2006).

A motivação intrínseca é o compromisso de uma pessoa com a atividade por vontade própria (Bernardes, Yamaji & Guedes, 2015) e se refere ao engajamento na atividade para seu próprio prazer e satisfação, obtidos na participação esportiva (Guedes & Silverio Netto, 2013). A motivação intrínseca é subdivida em: para saber (prazer de aprender uma atividade), para realizar (prazer em tentar superar a si mesmo em uma atividade) e para experiência (envolver-se numa atividade pelo prazer de sua prática) (Vallerand, 2004). A motivação intrínseca parte do pressuposto de que um indivíduo participa voluntariamente na prática de um esporte, com uma aparente ausência de recompensas ou de pressão externa, e também, pelo engajamento na prática esportiva pelo próprio interesse,

satisfação e prazer pela prática. Portanto, como a motivação intrínseca tem origem nas necessidades psicológicas de competência, autodeterminação e relacionamento, esta é um fator preponderante para iniciar e permanecer na prática de esportes (Bernardes, Yamaji & Guedes, 2015).

A amotivação ou desmotivação é caracterizada pelo sujeito que não tem a intenção de realizar algo e, quando realiza, é provável que a atividade seja desorganizada e acompanhada de sentimentos de frustração, medo ou depressão (Vallerand, 2004; Murcia & Coll, 2006), e assim, não existem motivos para iniciar ou se manter na atividade esportiva (Guedes & Silvério Netto, 2013).

Por sua vez, a autoeficácia é um conjunto de crenças pessoais que influenciam a capacidade das pessoas em lidar com uma variedade de situações estressantes (Scholz, Doña, Sud & Schwarzer, 2002). Se refere também com a crença que uma pessoa tem ao exercer o controle de eventos que afetam a vida, sendo o grau de convicção que uma pessoa tem em executar com sucesso e atingir determinado resultado (Pesca, Cruz, & Ávila Filho, 2010). Não está relacionado com a habilidade de um indivíduo tem, mas sim com o julgamento de que se possa fazer com as habilidades com que ele ou ela possui. No esporte, a autoconfiança é um dos fatores psicológicos mais frequentemente citados por sua influência sobre o rendimento esportivo, mas não é sinônimo de autoeficácia. Segundo Machado, Paes, Berbetz e Stefanelo (2014), enquanto autoconfiança se refere ao grau de firmeza e convicção em determinada atividade, não especificando a situação, a autoeficácia é a crença em realizar determinada atividade.

Segundo Sholz *et al.* (2002), os níveis de autoeficácia podem aumentar ou diminuir a motivação, e isso faz diferença na forma como as pessoas se sentem,



pensam e agem. Quando elevada, a autoeficácia é um fator determinante para o bom desempenho dos atletas. Por outro lado, quando baixa pode gerar dúvidas, especialmente se as crenças de efetividade ainda não estiverem estabelecidas. E, quanto menos experiência um atleta tiver com determinada tarefa ou situação, mais ele se fixará em outros indivíduos para julgar suas próprias capacidades, levando-a uma baixa confiança e uma maior preocupação em seu desempenho, podendo bloquear o seu rendimento.

Assim sendo, qual a relação existente entre os fatores motivacionais e o senso de autoeficácia de atletas que recebem ou não o auxílio do bolsa atleta da prefeitura de Aracaju? Neste estudo, nosso objetivo foi comparar os motivos para prática esportiva e a autoeficácia entre os atletas que recebem ou não o auxílio financeiro do programa bolsa atleta da prefeitura municipal de Aracaju.

## METODOLOGIA

Esta investigação obedeceu às diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, com a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe-UFS sob o nº 1.177.281.

### **Amostra**

A amostra foi selecionada através do Programa Bolsa Atleta Aracaju, que em 2015 selecionou 80 atletas, com idades entre 10 a 35 anos.

Foi realizado um contato inicial com os responsáveis pelo gerenciamento do programa Bolsa-Atleta da prefeitura de Aracaju, solicitando uma autorização para utilizar os dados pessoais dos bolsistas selecionados pelo programa. Após a

liberação, foi feito o contato direto aos atletas envolvidos, explicando os objetivos da avaliação e o agendamento para aplicação dos questionários em seu local de treino. A participação dos sujeitos neste estudo foi voluntária, com permissão oficializada através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo entregue antes da aplicação dos questionários.

Assim, este estudo teve como amostra 108 atletas, destes 52 faziam parte do programa bolsa atleta e 56 que não faziam parte do programa, com idade entre 11 e 21 anos e média de idade de  $14,6 \pm 0,7$  anos. Estes atletas disputam as seguintes modalidades: Atletismo, Badminton, Ginástica Rítmica, Judô, Karatê, Natação, Tênis de mesa, Tênis de campo, Triatlo, Vôlei de Praia. Durante a tabulação dos dados, observamos que para melhor organização e aumentar a amostragem, alguns esportes foram reunidos em grupos: Artes Marciais (Judô e Karatê) e Esportes de Raquete (Tênis de Mesa, Tênis de Campo e Badminton).

Devido ao número de atletas pesquisados foi feita a junção dos dados dos atletas do Atletismo e Triatlo, para uma melhor análise estatística e aumentar o tamanho da amostra. Os atletas que não fazem parte do programa Bolsa-Atleta são das mesmas modalidades e foram entrevistados no mesmo ambiente de treino dos atletas bolsistas.

Como critério de inclusão, os sujeitos da amostra deviam ser atletas de idade entre 11 a 21 anos, beneficiários ou não do auxílio financeiro do bolsa atleta da prefeitura de Aracaju, que participem de competições oficiais da modalidade. Foram excluídos, atletas que não responderam de forma correta os questionários.

### **Instrumentos**

Para a coleta dos dados foi utilizada os seguintes questionários: sócio demográfico de elaboração própria, para determinação das variáveis de estudo

(bolsa atleta, modalidade esportiva); o participation motivation questionnaire (PMQ), necessidade de aprovação social e a escala de autoeficácia percebida.

O Participation Motivation Questionnaire (PMQ) contribui na identificação dos motivos ou razões que levam a jovens a se envolverem com a prática esportiva de uma forma geral, seja competitiva ou não-competitiva (Bernardes, Yamaji & Guedes, 2015). Originalmente elaborado por Gill, Gross, Huddleston (1983), recentemente esse questionário foi validado e adaptado para língua portuguesa por Guedes e Silveira Netto (2013), com 30 itens equivalentes ao elenco de motivos que possam levar os atletas jovens a praticar esportes, agrupados em 8 fatores de motivação: Reconhecimento Social, Atividade em Grupo, Aptidão Física, Emoção, Competição, Competência Técnica, Afiliação, Diversão. A tradução proposta utiliza uma escala de Likert de 5 pontos, com maior capacidade discriminatória nas respostas.

A Escala de Autoeficácia Geral Percebida – EAEGP (General Self-Efficacy Scale) de Schwarzer e Jerusalem (1995), validada por Souza e Souza (2004), foi criada para avaliar um senso geral de autoeficácia percebida, objetivando prever a capacidade de superação das dificuldades diárias assim como a adaptação depois de experimentar todos os tipos de eventos estressantes da vida (Souza & Souza, 2004; Caruzzo, Abiko, Silva, Viera, & Nazário, 2014). A EAEGP possui 10 itens sobre opiniões pessoais do indivíduo a respeito de si mesmo, e estão elaboradas em escala de Likert de 4 pontos. (Souza & Souza, 2004; Scholz, Doña, Sud & Schwarzer, 2002).

A Escala de Necessidade de Aprovação Social, proposta por Marlowe e Crowne (1960) e validada no Brasil por Scagliusi *et al.* (2004), é uma escala com 33 questões relacionados a situações que envolvem comportamentos sociais

aceitáveis. Neste estudo, optou-se pela versão mais curta, proposta por Reynoulds em 1982, na qual as respostas dos 13 itens também são do tipo verdadeiro ou falso. Quanto mais alta for a pontuação obtida, maior a necessidade de aprovação social se manifestará no indivíduo (Scagliusi, Cordás, Polacow *et al.*, 2004).

### **Procedimentos**

Após o contato com a prefeitura e sua posterior autorização, amostra foi selecionada de acordo com um dos critérios de inclusão, chegando ao número de 66 atletas, em idades entre 11 a 21 anos. Em relação aqueles atletas que não recebem o auxílio do bolsa atleta, estes foram escolhidos no mesmo local de treino. Ocorreu uma perda amostral de 14 atletas que recebem o auxílio financeiro. As razões foram: atleta não se encontrar no estado de Sergipe, disputando competição no exterior, estar em outro estado, em treinamento com a seleção brasileira de boxe e ser militar, não responder os questionários e não querer participar da pesquisa.

### **Análise estatística**

Na análise dos dados inicialmente foi realizado o teste de Kolmogorov-Smirnov, para determinação da sua normalidade de definição dos testes que seriam realizados. Para tanto, se utilizou o Teste T de Student na comparação das variáveis de estudo através do pacote estatístico SPSS 20.0 e o cálculo do tamanho do efeito. Foram considerados significativos os valores de  $p \leq 0,05$ .

## Resultados

As respostas sobre a necessidade de aprovação social, mostraram que os atletas buscam responder da melhor forma possível os questionários, com o propósito de evitar ambiguidades nas respostas. Na tabela 1, os dados apresentados não oferecem diferenças estatísticas em relação às médias.

Tabela1: Necessidade de Aprovação Social em atletas bolsistas e não bolsistas

	Bolsa Atleta	N	Média	Desvio Padrão	P
Necessidade de Aprovação Social	Não	56	6,91	1,43	0,79
	Sim	52	6,98	1,35	

Não houve diferença estatística para  $p \leq 0,05$ .

Na determinação dos fatores motivacionais (TABELA 2), os resultados mostram que os fatores de grande valor entre os atletas não bolsistas foram: Competência Técnica, Competição e Aptidão Física. Os de menor importância foram os fatores Afiliação, Emoção e Diversão. Em relação aos atletas bolsistas, os resultados indicam que os fatores motivacionais de maior importância foram os relacionados a Competência Técnica, Competição e Aptidão Física. Os fatores considerados como pouco motivacionais foram: Diversão, Afiliação e o Reconhecimento Social. Na comparação das médias entre os bolsistas e não bolsistas, são encontradas diferenças estatísticas no fator motivacional Emoção ( $p=0.01$ ). O Tamanho do efeito foi calculado, apresentando uma correlação média para o fator emoção ( $d= 0.53/r=0.25$ ).

Tabela 2: Comparação dos fatores motivacionais de atletas bolsistas e não bolsistas

Fatores de motivação	Bolsa-Atleta	N	Média	Desvio Padrão	<i>P</i>
Reconhecimento Social	Não	56	3.27	0.76	0.77
	Sim	52	3.31	0.80	
Aptidão Física	Não	56	4,07	0.72	0.68
	Sim	52	4.13	0.77	
Afiliação	Não	56	3.31	0.94	0.82
	Sim	52	3.35	0.85	
Diversão	Não	56	3.23	0.85	0.36
	Sim	52	3.38	0.84	
Atividade em grupo	Não	56	3.95	0.76	0.76
	Sim	52	3.92	0.74	
Emoção	Não	56	3.29	0.75	0.01*
	Sim	52	3.67	0.68	
Competição	Não	56	4.33	0.86	0.96
	Sim	52	4.46	0.55	
Competência Técnica	Não	56	4.44	0.53	0.59
	Sim	52	4.49	0.51	

Diferença estatisticamente significativa para  $p \leq 0.05$

A tabela 3 apresenta os resultados referentes à autoeficácia de bolsistas e não bolsistas. Os atletas apresentam uma pontuação alta de acordo com uma escala que varia de 1 a 4. O Tamanho do efeito foi calculado e apresentando uma correlação média em relação à autoeficácia, com os seguintes valores:  $d=0.46$  /  $r=0.22$ . Os seus valores apresentam diferença estatística em relação à média.

Tabela 3: Comparação da autoeficácia de atletas bolsistas e não bolsistas

	Bolsa Atleta	N	Média	Desvio Padrão	<i>P</i>
Autoeficácia	Não	52	3.12	0.39	0.01*
	Sim	56	3.29	0.34	

Diferença estatisticamente significativa para  $p \leq 0.05$

### Discussão

Com os resultados apresentados, pode-se dizer que os fatores de motivação com maior importância entre os atletas foram os relacionados à Competência Técnica, Competição e Aptidão Física. Os fatores que tem menos importância para não bolsistas foram Emoção e Diversão e entre os bolsistas, Afiliação e Reconhecimento Social, o que corrobora com os achados de Guedes e Silvério Netto (2013). O fator que apresentou diferença significativa em relação à média foi o fator Emoção. Pode-se afirmar que os atletas, ao procurarem uma prática esportiva, não esperam ser reconhecidos socialmente, e sim procuram se esforçar nas competições e visam sempre estarem melhor física e tecnicamente.

Em um estudo de revisão com atletas jovens, Bernardes, Yamaji e Guedes (2015), a Competência Técnica foi o motivo mais apontado pelos jovens atletas em ambos os sexos inseridos em diferentes contextos socioculturais, que corrobora com nossos resultados. Em nosso estudo, Competência Técnica, Competição e Aptidão Física foram os motivos relatados como mais importante pelos atletas bolsistas e não bolsistas. Como o Bolsa Atleta não é um programa de auxílio financeiro social, a sua conquista é através dos melhores resultados esportivos nas competições em que participam. Isso pode ser determinante para sua permanência no programa, ou, para aqueles que não são bolsistas, serem contemplados. Isto fica mais evidente quando se observa que os atletas treinam

no mesmo ambiente. Os fatores Competição, Aptidão Física e Competência são considerados motivos extrínsecos, onde a possibilidade de resultados expressivos com a conquista de medalhas, troféus ou prêmios financeiros, leva a busca de melhorias nos aspectos físicos e técnicos. Como os atletas têm a possibilidade de participar dos mesmos campeonatos, aumenta a chance de ambos terem o direito de serem beneficiados pelo programa Bolsa-Atleta.

Em estudo referente ao nível de motivação, sexo e tipo de bolsa entre atletas bolsistas e não bolsistas americanos universitários do Atletismo, Cremades, Flournoy e Gomes (2012) demonstram que os atletas não bolsistas tinham níveis mais baixos de motivação extrínseca do que atletas bolsistas. Em outro estudo, Amorose e Horn (2000) examinaram as relações entre motivação intrínseca de atletas, sexo, tipo de bolsa e percepções do comportamento de seus treinadores. Os atletas bolsistas relataram níveis mais altos de motivação intrínseca do que não bolsistas. Em outro estudo realizado por Kingston, Horrocks e Halton (2006) entre o tipo de bolsa e sexo em atletas universitários americanos, os resultados sugerem que as bolsas de estudos, independentemente do sexo do atleta, podem comprometer a motivação intrínseca. Os autores ainda sugerem que profissionais e treinadores ao trabalharem com atletas, devem enfatizar o prazer envolvido na execução de tarefas e para alcançar novos níveis de desempenho, devem incorporar atividades que estimulem a motivação intrínseca (Cremades, Flournoy & Gomez, 2012; Amorose, Horn, 2000; Kingston, Horrocks & Hanton, 2006).

Em relação à autoeficácia, o seu estudo na prática esportiva tem sido considerado um fator determinante para o desempenho atlético, auxiliando atletas na realização de tarefas esportivas, sendo fundamental na persistência frente as dificuldades, motivação e grau de esforço a serem empregados para alcançar



objetivos e superar obstáculos (Machado, Paes, Berbetz & Stefanello, 2014). Alguns estudos destacam a relação entre a autoeficácia e desempenho em diferentes esportes. Dentre eles uma metanálise realizada por Moritz *et al.* (2000), na qual foram encontrados efeitos positivos entre desempenho esportivo e a autoeficácia. Assim como em trabalhos relacionados com jogadores de futebol espanhóis jovens (Bray, Balaguer & Duda, 2004), jogadores de basquete (Ortega, Olmedilla, Sainz de Baranda & Gómez, 2009) e em tenistas jovens (Hatzigeorgiadis, Zourbanos, Goltsios & Theodorakis, 2008).

Este estudo demonstra que atletas são motivados e possuem senso de autoeficácia alto, com os bolsistas pontuando ainda mais que os não bolsistas, e isso pode ser um determinante para o bom desempenho.

### **Conclusão**

Conclui-se que os motivos apresentados como os mais importantes foram Competição, Competência Técnica e Aptidão Física, sendo considerados como extrínsecos e que a autoeficácia sofre variação em função do atleta possuir ou não o auxílio financeiro.

Uma limitação deste trabalho foi não realizar a comparação de outras variáveis (como sexo, idade, tempo de prática e nível de competição) e o senso de autoeficácia entre os atletas envolvidos. As realizações de futuros estudos longitudinais podem trazer outras informações relevantes sobre a temática.

## Referências

- Amorose, A.J., & Horn, T.S. (2000). Intrinsic Motivation: Relationships with Collegiate Athletes' Gender, Scholarship Status, and perceptions of their coaches' behavior. *Journal of Sport & Exercise Psychology*. 22: 63-84.
- Balbinotti, M.A.A., & Capozzoli, C.J. (2008). Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 22(1): 63-80.
- Bernardes, A. G., Yamaji, B.H.S, & Guedes DP (2015). Instrumentos para identificar os motivos para prática de esporte: opções disponíveis na literatura. *Pensar a Prática*. 18(1):1-25.
- Brasil. Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004. Institui a Bolsa-Atleta.
- Brasil. Decreto-Lei nº 5.342, de 14 de janeiro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta.
- Becker, LA. Effect Size Calculations. UCCS. <http://www.uccs.edu/lbecker/effect-size.html>. Acesso em 28/05/2016.
- Bray, S.R., Balaguer, I., & Duda, J.L. (2004). The relationship of task self-efficacy and role efficacy beliefs to role performance in Spanish youth soccer. *Journal of Sports Sciences*. 22: 429–437.
- Caruzzo, N.M., Abiko, R.H., Silva, J.C., Viera J.L.L., & Nazário, P.F. (2014). Relação entre o nível de autoeficácia e o desempenho de atletas de vôlei de praia. *Arquivos em Movimento*. 9(2): 8-18.
- Corrêa, A.J, Moraes e Silva, M., Mezzadri, F.M.& Cavichioli, F.R. Financiamento do esporte olímpico de verão brasileiro: mapeamento inicial do programa “Bolsa Atleta” (2005-2011) (2014). *Pensar a Prática*. 17(4): 1-15.

- Cremades, J.G, Flournoy, B., & Gomez, C.B. (2012). Scholarship status and gender differences in motivation among U.S. collegiate track and field athletes. *International Journal of Sports Science & Coaching*. 7(2):333-344.
- Digel, H. The context of talent identification and promotion: a comparison of nations (2002). *New Studies in Athletics*. (2002). 17 ( 3/4): 13-26.
- Gomes, S.S., Miranda, R., Bara Filho, M.G., & Brandão, M.R.F. (2012). O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas. *Revista da Educação Física/UEM*. 23(3):379-387.
- Green, M., & Oakley, B. Elite sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches (2001). *Leisure Studies*. 20 (4), p. 247–267.
- Guedes, D.P., & Silverio Netto, J.E. (2013). Participation Motivation Questionnaire: Tradução e validação para uso em atletas-jovens brasileiros. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 27(1): 137-148.
- Guedes, D. P., & Silvério Netto, J.E. (2013). Sport participation motives of young brazilian athletes. *Perceptual and Motor Skills*. 117(3):742–759. <http://doi.org/10.2466/06.30.PMS.117x33z2>.
- Hatzigeorgiadis, A., Zourbanos, N., Goltsios, C., & Theodorakis, Y. (2008). Investigating the functions of self-talk: the effects of motivational self-talk on self-efficacy and performance in young tennis players. *The Sport Psychologist*. 22(4): 458-471.
- Kingston, K.M., Horrocks, C.S., & Hanton, S. (2006). Do multidimensional intrinsic and extrinsic motivation profiles discriminate between athlete scholarship status and gender? *European Journal of Sport Science*. 6(1): 53-63.

- Machado, T.A., Paes, M.J., Berbetz, & S.R., Stefanelo, J.M.F.(2014). Autoeficácia esportiva: uma revisão sistemática dos instrumentos de medida. *Revista da Educação Física/UEM*. 25(2): 323-333.
- Mazzei, L.C., Bastos, F. C., Böhme, M.T.S., & De Bosscher, V. Política do esporte de alto rendimento no Brasil: análise da estratégia de investimentos nas confederações olímpicas (2014). *RPCD*. 14 (2): 58-73
- Murcia, J.A.M. & Coll, D.G.C. (2006). A permanência de praticantes em programas aquáticos baseada na Teoria de Autodeterminação. *Fit Perf J*. 5(1):05-10.
- Murcia, J.A.M., Cervelló, E.G., & Coll, D.G.C (2007). Analizando la motivación en el deporte: un estudio através de la teoría de la autodeterminación. *Apuntes de Psicología*. 25(1):35-51.
- Moritz, S.E., Feltz, D.L., Fahrback, K.R., & Mack, D.E. (2000). The relation of self-efficacy measures to sport performance: a meta-analytc review. *Research Quartely for Exercise and Sports*. 71(3):280-94.
- Ortega, E., Olmedilla, A., Sainz de Baranda, P., & Gómez, M.A. (2009). Relationship between the level of self-efficacy, performance indicators and participation in youth basketball. *Revista de Psicología del Deporte*. 18(3): 337-342.
- Ordonhes, M.T., Luz, W.R.S., & Cavichioli, F.R. Possíveis relações entre investimentos públicos e obtenção de resultados: o caso da natação brasileira (2016). *Motrivivência*. 28 (47): 82-95.
- Pesca, A.D., Cruz, R.M., & Ávila Filho, M.A.P. (2010). Estudos de autoeficácia em Psicologia do Esporte. *Revista de Psicologia do Cesusc*. 1(1): 1-16.

Ryan, R.M., & Deci, E.L. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. *Contemporary educational psychology*. 25(1):54-67.

Scholz, U., Doña, B.G., Sud, S., & Schwarzer, R. (2002). Is general self-efficacy a universal construct? Psychometric findings from 25 countries. *European Journal of Psychological Assessment*. 18(3):242-251.

Souza, I., Souza, M.A. (2004). Validação da escala de auto-eficácia geral percebida. *Revista Universidade Rural, Série Ciências Humanas*. 26(1-2): 12-17.

Scagliusi, F. B., Cordás, T.A, & Polacow VO, *et al.* Tradução da escala de desejo de aceitação social de Marlowe & Crowne para a língua portuguesa. (2004). *Revista de Psiquiatria Clínica*. 31(6): 272-278.

Vallerand, R.J. (2004). Intrinsic and extrinsic motivation in sport. *Encyclopedia of Applied Psychology*. 2 (10):427-435.

## **6 – ARTIGO 2**

### **Motivos de aderência à prática esportiva em atletas de esportes individuais**

(Formatação conforme as normas de submissão de artigo na Revista Brasileira de Ciências do Esporte)

Michel Habib Monteiro Kyrillos; Afrânio de Andrade Bastos

## Motivos de aderência à prática esportiva em atletas de esportes individuais

**RESUMO:** O objetivo deste estudo foi analisar os motivos para a prática esportiva de atletas de esportes individuais. Participaram 99 atletas de modalidades individuais, com idade entre 11 a 21 anos, que responderam os seguintes questionários: PMQ e Necessidade de Aprovação Social. Os testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov, teste T de Student, Anova One-way e o tamanho do efeito foram realizados. Os resultados da motivação foram agrupados em 8 fatores: Reconhecimento Social, Atividade em Grupo, Aptidão Física, Emoção, Competição, Competência Técnica, Afiliação, Diversão. Diferenças significativas foram encontradas nas variáveis sexo, idade, tempo de prática, nível de competição e tipo de esporte. Quando observada a necessidade de aprovação social, seus resultados não apresentaram diferenças significativas. Conclui-se que os fatores motivacionais mais valorizam pelos atletas são extrínsecos, como a Competição, a Competência Técnica e a Aptidão Física. Observa-se também que quanto maior a experiência e maior o nível competitivo, ocorre uma diminuição na pontuação dos motivos que levam os atletas a realizarem uma prática esportiva.

**PALAVRAS-CHAVES:**

**Motivação;**

**Esporte;**

**Psicologia;**

**Teoria da auto determinação;**

## Adherence reasons to sports in individual sports athletes

**ABSTRACT:** The aim of this study was to analyze the reasons for sports to individual sports athletes. Participated 99 athletes from individual sports, aged 11 to 21 who answered the following questionnaires: PMQ and need for social approval. The Kolmogorov-Smirnov normality, the Student t test, Anova one way and the effect size were performed. The results of motivation were grouped into 8 factors: social recognition, Activity Group, Physical Fitness, Emotion, Competition, Technical Competence, Affiliation, Fun. Significant differences were found in sex, age, practice time, competition level and type of sport. When observed the need for social approval, the results showed no significant

differences. It is concluded that the motivational factors most valued by athletes are extrinsic, such as Competition, the Technical Competence and Physical Fitness.

**KEYWORDS:**

**Motivation;**

**Sport;**

**Psychology;**

**Self-determination theory.**

#### Razones de adherencia a los deportes en los atletas de deportes individuales

**RESUMEN:** El objetivo de este estudio fue analizar las razones de los deportes a los atletas de deportes individuales. Participaron 99 atletas de deportes individuales, de 11 años y 21 años que respondieron a los cuestionarios: PMQ y la necesidad de aprobación social. La normalidad de Kolmogorov-Smirnov, la prueba t de Student, ANOVA de una forma y el tamaño del efecto se llevaron a cabo. Los resultados de la motivación se agruparon en 8 factores: el reconocimiento social, grupo de actividad, la condición física, la emoción, la competición, la competencia técnica, la afiliación, la diversión. Se encontraron diferencias significativas en el sexo, la edad, el tiempo de la práctica, el nivel de competencia y el tipo de deporte. Cuando se observa la necesidad de aprobación social, los resultados no mostraron diferencias significativas. Se concluye que los factores motivacionales más valorados por los atletas son extrínsecas, como la competencia, la competencia técnica y condición física.

**PALABRAS CLAVE:**

**Motivación;**

**Deporte;**

**Psicología;**

**Teoría de la autodeterminación**

#### INTRODUÇÃO

A prática esportiva atual é um fenômeno multicultural, que segundo a Carta Internacional da Educação Física, Atividade Física e Esporte (UNESCO, 2016), envolve os mais variados aspectos desde o modo de vida, como prática corporal para atividade física e



lazer do homem até as dimensões sociais, de educação e de saúde. Inúmeros são os fatores que influenciam diretamente o desempenho esportivo, tais como: cargas de treinamento, questões financeiras, pressão dos pais, relacionamento com o treinador, escola, restrição ao lazer entre outros.

Nos últimos anos, as razões para o entendimento da participação ou o abandono no esporte tem recebido bastante atenção (Kondrič, Sindi, Furjan-Mandić e Schiefler, 2013). E conhecer essas razões é de suma importância para auxiliar no entendimento do nível de comprometimento e prazer que a realização da atividade traz. E quando se refere à realização de uma prática esportiva, esses motivos podem ganhar um valor vital para que se alcance o objetivo final na realização da atividade (Frutuoso, Kraeski e Krebs, 2013).

Afinal, o que motiva um atleta a praticar um esporte? A preparação psicológica, em conjunto com os aspectos técnicos e táticos, são os ingredientes essenciais tanto para o sucesso como para o fracasso em determinada prática esportiva. O conceito de motivação aqui utilizado vem no encontro da teoria da autodeterminação de Deci e Ryan (2000), que explica os padrões motivacionais em contextos esportivos, estabelecendo diferentes níveis motivacionais ao longo de um continuum, que vai desde a amotivação, passando pela baixa autodeterminação chegando até uma alta determinação (Murcia e Coll, 2006; Gomes, Miranda, Bara Filho e Brandão, 2012; Murcia, Cervelló e Coll, 2007). Assim, a motivação é usada para descrever as forças internas e externas que orientam o início, a direção, intensidade e a persistência do comportamento (Vallerand, 2004), e que dependerá de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos) (Balbinotti e Capozzoli, 2008).

A motivação intrínseca se refere ao engajamento na atividade para seu próprio prazer e satisfação obtidos na participação esportiva (Vallerand, 2004). Quando intrinsecamente motivado, um indivíduo ingressa na atividade por vontade própria, ou seja, pelo prazer e satisfação no processo de conhecê-la, explorá-la e aprofundá-la (Ryan e Deci, 2000). É subdividida em para saber, para realizar e para experiência (Murcia e Coll, 2006; Bernardes, Yamaji e Guedes, 2015; Guedes e Silvério Netto, 2013).

A motivação extrínseca é um comportamento que ocorre quando um indivíduo se engaja numa atividade que é feita para alcançar algum resultado (Vallerand, 2004), e está relacionada a fatores externos que podem direcionar o comportamento do atleta, como por exemplo: troféus, elogios, bolsas de estudo, estrutura adequada de treinos, salários entre outros (Bernardes e Yamaji, 2015).

Vallerand (2004) divide a motivação extrínseca em regulação externa, interiorizada, identificada e integração. A regulação externa é quando o comportamento é regulado por premiações materiais ou medo de consequências negativas, como as críticas sociais e dos treinadores. Já a regulação interiorizada, um indivíduo começa a internalizar as razões para suas ações, que apesar de ser inicialmente externa, é internalizada, como comportamentos reforçados por pressões internas como a culpa, ou como a necessidade de ser aceito (Bernardes e Yamaji, 2015; Vallerand, 2004). Na regulação identificada, um sujeito realiza uma tarefa (ou comportamento), na qual uma atividade é considerada como importante, mesmo que não seja interessante (Ryan e Deci, 2000). Por último, vem a regulação integrada, onde o comportamento de um indivíduo envolve o engajamento em uma atividade a partir da sua escolha de outra maneira, que são feitas em função de uma coerência com os vários aspectos do seu eu (Vallerand, 2004). Se a integração continuar, um indivíduo pode identificar a importância daquela atividade para si mesmo, havendo menos pressão, sentimento de culpa e ansiedade (Murcia e Coll, 2006).

A amotivação ou comportamento desmotivado é a ausência da motivação, não existindo motivos para iniciar ou se manter numa prática esportiva. Quando realizada, é provável que a atividade seja desorganizada e acompanhada de sentimentos, tais como: frustração, medo ou depressão (Bernardes, Yamaji e Guedes, 2015; Murcia e Coll, 2006).

Assim, quais relações existentes entre os fatores de motivacionais com as variáveis tipo de esporte, sexo, idade, tempo de prática e nível de competição? Nosso objetivo foi analisar os motivos para a prática esportiva em atletas de esportes individuais.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para realização deste estudo inicialmente foi necessário ter aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe-UFS, obtida sob o parecer nº 1.177.281. Em seguida foi feito contato direto com os atletas envolvidos, explicando os objetivos da avaliação e o agendamento para aplicação dos questionários em seu local de treino. A participação dos sujeitos foi voluntária, com permissão oficializada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram incluídos no estudo os atletas que tinham idade entre 11 a 21 anos e disputaram competições oficiais no último ano. Foram excluídos os atletas que não responderam de forma correta os questionários.

A amostra foi formada por 99 atletas divididos em grupos de modalidades esportivas: Atletismo/Triatlo (8), Artes Marciais (judô e karatê) (43), Esportes de Raquete (tênis de campo, tênis de mesa e badminton) (20), Ginástica Rítmica (15), Natação (13). Em relação ao sexo, 46 atletas eram mulheres e 56 homens. Os atletas possuíam tempo de prática nos referidos esportes que variava entre um e treze anos e disputavam competições a nível local (11), regional (19), nacional (51) e internacional (18).

Para a coleta dos dados foram utilizados os seguintes questionários: um sócio demográfico de elaboração própria, para determinação das variáveis a serem estudadas (idade, sexo, tempo de prática, nível de competição e esporte); o Participation Motivation Questionnaire (PMQ) e a Escala de Necessidade de Aprovação Social.

Foi utilizada a versão em português do Participation Motivation Questionnaire (PMQ), adaptado e validado por Guedes e Silveira Netto (2013). Contém 30 itens relacionados aos motivos que possam levar os atletas jovens a praticar esportes, agrupados em oito fatores de motivação: Reconhecimento Social, Atividade em Grupo, Aptidão Física, Emoção, Competição, Competência Técnica, Afiliação, Diversão. Foi utilizada uma escala de Likert de 5 pontos, que dá uma maior capacidade discriminatória nas respostas (Bernardes e Yamaji, 2015).

Neste estudo, foi utilizada a versão mais curta da Escala de Necessidade de Aprovação Social, proposta por Reynoulds em 1982, validada no Brasil por Scagliusi, Cordas, Polacow *et al.* (2004), na qual as respostas dos 13 itens são do tipo verdadeiro ou falso.

A análise dos dados foi realizada inicialmente com o teste Kolmogorov-Smirnov, para determinação da sua normalidade e definição dos testes que seriam realizados. Para tanto, foi utilizado o teste T de Student nas variáveis sexo e idade, e ANOVA One-way para as variáveis tempo de prática, nível de competição e esporte, com teste *post hoc* de Tukey através do pacote estatístico SPSS 20.0. Foram considerados significativos os valores de  $p \leq 0,05$  e calculado o tamanho do efeito.

## RESULTADOS

As respostas sobre a necessidade de aprovação social mostram que os atletas buscam responder da melhor forma possível os questionários, com o propósito de evitar

ambiguidades nas respostas. Na tabela 1, os dados apresentados não oferecem diferenças estatísticas em relação às médias.

Tabela 1: Resultados relacionados as respostas sobre a Necessidade de Aprovação Social das variáveis em estudo

Variáveis de Estudo		N	Média	Desvio Padrão	P
Sexo	Feminino	46	6,74	1,21	0,24
	Masculino	53	7,08	1,59	
Idade	11 a 15 anos	65	6,74	1,25	0,08
	16 a 21 anos	34	7,26	1,69	
Tempo de prática	Até 3 anos	11	6,27	0,78	0,39
	4 a 6 anos	31	6,94	1,45	
	7 a 9 anos	35	6,94	1,53	
	10 anos em diante	22	7,18	1,46	
Nível de competição	Local	11	6,55	1,12	0,42
	Regional	19	6,84	0,95	
	Nacional	51	6,86	1,56	
	Internacional	18	7,39	1,61	
Modalidades esportivas	Atletismo/Triatlo	8	7,25	1,90	0,73
	Esportes de Raquete	20	6,70	1,65	
	Ginástica Rítmica	15	6,60	1,12	
	Artes marciais	43	7,02	1,45	
	Natação	13	7,08	1,03	

Os resultados da motivação, agrupados em oito fatores, apresentam os seguintes valores: Competência Técnica ( $4,45 \pm 0,53$ ), Competição ( $4,39 \pm 0,74$ ), Aptidão Física ( $4,10 \pm 0,75$ ), Atividade em Grupo ( $3,94 \pm 0,76$ ), Emoção ( $3,47 \pm 0,75$ ), Afiliação ( $3,36 \pm 0,87$ ), Diversão ( $3,31 \pm 0,85$ ) e Reconhecimento Social ( $3,28 \pm 0,80$ ).

Na tabela 2, os fatores motivacionais mais importantes em atletas de esportes individuais variaram conforme o esporte. Nos grupos Atletismo/Triatlo, Natação e Esporte de Raquete, os fatores relatados como os mais importantes foram: Competência Técnica, Competição e Aptidão Física. As atletas da Ginástica Rítmica descreveram como os fatores motivacionais mais importantes: Competição ( $4,26 \pm 0,77$ ), Competência Técnica ( $4,21 \pm 0,60$ ), Aptidão Física ( $3,88 \pm 0,54$ ) e Atividade em Grupo ( $3,88 \pm 0,81$ ). O grupo de Artes Marciais pontuaram as maiores médias nos fatores Competência Técnica ( $4,44 \pm 0,56$ ), Competição ( $4,43 \pm 0,66$ ) e Atividade em Grupo ( $3,93 \pm 0,70$ ). Para todos os grupos, os fatores com as menores médias foram Diversão, Reconhecimento Social, Afiliação e Emoção. Ao executar o teste *post hoc* de Tukey, as diferenças significativas em relação à média aparecem nos seguintes fatores motivacionais: Reconhecimento Social

( $p=0,01$ ) e Diversão ( $p=0,01$ ) em todos os esportes. No fator Aptidão Física ( $p=0,02$ ), o teste *post hoc* não teve sensibilidade para discriminar as diferenças. O tamanho do efeito foi calculado e considerado pequeno para o fator reconhecimento social ( $d=2,27/r=0,75$ ) e grande nos fatores aptidão física ( $d=1,20/r=0,51$ ) e diversão ( $d=1,77/r=0,66$ ).

Tabela 2: Fatores motivacionais que apresentaram diferenças estatísticas em função dos esportes praticados

Motivos	Atletismo Triatlo	Esporte de Raquete	Ginástica Rítmica	Artes Marciais	Natação	<i>P</i>
Reconhecimento Social	2,42±0,73	3,68±0,71	2,76±0,64	3,24±0,68	3,96±0,62	<b>0,01*</b>
Aptidão Física	4,12±0,82	4,35±0,60	3,88±0,54	3,92±0,83	4,55±0,57	<b>0,02*</b>
Diversão	3,09±0,74	3,78±0,78	3,00±0,62	3,01±0,80	4,09±0,61	<b>0,01*</b>

\* Diferença estatisticamente significativa para  $p \leq 0,05$

Em relação aos sexos feminino e masculino, os fatores motivacionais com maior importância também são a Competição (4,46±0,61/4,34±0,83), a Competência Técnica (4,40±0,55/4,50±0,52) e a Aptidão Física (4,13±0,69/4,08±0,80). Os motivos menos importantes para ambos são: Reconhecimento Social (3,04±0,80/3,50±0,74), Afiliação (3,24±0,84/3,47±0,89) e Diversão (3,28±0,81/3,34±0,12). Na tabela 3, é apresentado o resultado em relação à diferença estatística, que ocorreu no fator Reconhecimento Social ( $p=0,01$ ) e o seu tamanho do efeito foi considerado pequeno ( $d=0,59/r=0,28$ ).

Tabela 3: Fator motivacional que apresentou diferença estatística referente ao sexo.

Motivos	Feminino	Masculino	<i>P</i>
Reconhecimento Social	3,04±0,80	3,50±0,74	<b>0,01*</b>

Diferença estatisticamente significativa para  $p \leq 0,05$

Nas faixas etárias de 11 a 15 anos e 16 a 21 anos os motivos mais importantes para os atletas são: Competência Técnica (4,46±0,53/4,42±0,56), Competição (4,45±0,61/4,29±0,93) e Aptidão Física (4,19±0,73/3,92±0,76). Os fatores menos importantes encontrados são: Reconhecimento Social (3,31±0,81/3,24±0,77), Afiliação 3,41±0,93/3,26±0,74) e Diversão (3,32±0,90/3,30±0,75). Na tabela 4, é apresentada o resultado em relação a diferença estatística no fator Atividade em Grupo ( $p=0,03$ ) e o seu tamanho de efeito foi considerado como pequeno ( $d=0,42/r=0,20$ ).

Tabela 4: Fator motivacional que apresentou diferença estatística referente a idade

Motivos	11 a 15 anos	16 a 21 anos	P
Atividade em Grupo	4,05±0,66	3,72±0,89	<b>0,04*</b>

Diferença estatisticamente significativa para  $p \leq 0,05$

Para o tempo de prática esportiva, os motivos considerados como mais importantes foram: Competência Técnica (4,48±0,35/ 4,64±0,48/ 4,38±0,59/ 4,28±0,53), Competição (4,31±0,81/ 4,69±0,38/ 4,32±0,88/ 4,13±0,75) e Aptidão Física (4,38±0,40/ 4,29±0,73/ 4,10±0,68/ 3,70±0,88). Os fatores menos importantes para todos os grupos são: Emoção (3,18±0,50/ 3,56±0,77/ 3,56±0,77/ 3,35±0,79), Reconhecimento Social (3,36±0,92/ 3,35±0,89/ 3,31±0,74/ 3,10±0,71), Afiliação (3,45±0,71/ 3,49±0,97/ 3,34±0,76/ 3,16±0,96) e Diversão (3,50±0,63/ 3,37±0,89/ 3,42±0,88/ 2,98±0,80). Na tabela 5, são apresentados o resultado em relação às diferenças estatísticas, que ao executar o teste *post hoc* de Tukey, aparecem nos seguintes fatores motivacionais: Aptidão Física ( $p=0,01$ ) e Competição ( $p=0,04$ ) entre os grupos 4 a 6 anos e 10 anos em diante. O tamanho do efeito foi considerado como grande para os fatores Aptidão Física ( $d=0,99/r=0,44$ ) e Competição ( $d=0,94/r=0,42$ ).

Tabela 5: Fatores Motivacionais que apresentaram diferenças estatísticas referentes ao tempo de prática

Motivos	Até 3 anos (11)	4 a 6 anos (31)	7 a 9 anos (35)	10 anos em diante (22)	P
Aptidão Física	4,38±0,40	4,29±0,73	4,10±0,68	3,70±0,88	<b>0,01*</b>
Competição	4,31±0,81	4,69±0,38	4,32±0,88	4,13±0,75	<b>0,04*</b>

Diferença estatisticamente significativa para  $p \leq 0,05$

Em relação ao nível de competição, os fatores motivacionais considerados mais importantes para atletas que disputam competições Regionais, Locais e Nacionais são: Competência Técnica (4,66±0,42/ 4,31±0,54/ 4,49±0,56), Competição (4,40±0,80/ 4,28±0,75/ 4,42±0,77) e Aptidão Física (4,50±0,51/ 4,27±0,60/ 4,08±0,75). Os atletas que disputam competições Internacionais consideraram importantes os fatores Competição (4,44±0,66), Competência Técnica (4,37±0,48) e Atividades em Grupo (3,86±0,73). Os fatores menos importantes em relação aos níveis de competição são: Emoção (3,56±0,76/ 3,28±0,51/ 3,51±0,78), Diversão (3,75±0,92/ 3,52±0,73/ 3,35±0,80/ 2,73±0,83), Reconhecimento Social (3,89±0,85/ 3,27±0,71/ 3,28±0,80/ 2,93±0,65) e

Afiliação ( $3,93\pm0,91/ 3,29\pm0,99/ 3,39\pm0,85/ 3,00\pm0,57$ ). Na tabela 6, são apresentados os resultados referentes às diferenças estatísticas, onde ao executar o teste *post hoc* de Tukey estas aparecem nos seguintes fatores motivacionais: Reconhecimento Social ( $p=0,01$ ) Aptidão Física ( $p=0,03$ ) e Afiliação ( $p=0,04$ ) entre os grupo Local e Internacional, e Diversão ( $p=0,01$ ), entre todos os grupos. O tamanho do efeito foi calculado e considerado como grande para os fatores Reconhecimento Social ( $d=1,26/r=0,53$ ), Aptidão Física ( $d=1,09/r=0,47$ ), Diversão ( $d=1,16/r=0,50$ ) e Afiliação ( $d=1,22/r=0,52$ ).

Tabela 6: Fatores motivacionais que apresentaram diferenças estatísticas referentes ao nível de competição

Motivos	Local (11)	Regional (19)	Nacional (51)	Internacional (18)	<i>P</i>
Reconhecimento Social	3,89±0,85	3,27±0,71	3,28±0,80	2,93±0,65	<b>0,01*</b>
Aptidão Física	4,50±0,51	4,27±0,60	4,08±0,75	3,72±0,87	<b>0,03*</b>
Diversão	3,75±0,92	3,52±0,73	3,35±0,80	2,73±0,83	<b>0,01*</b>
Afiliação	3,93±0,91	3,29±0,99	3,39±0,85	3,00±0,57	<b>0,04*</b>

Diferença estatisticamente significativa para  $p\leq0,05$

## DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho foi determinar os motivos para a prática esportiva em atletas de esportes individuais. Definir os fatores motivacionais de atletas é fundamental para a orientação e a promoção de atividades esportivas.

As maiores médias encontradas se referem a fatores predominantemente extrínsecos, tais como: Aptidão Física, Competência Técnica e Competição. Com as menores médias aparecem os fatores Diversão, Reconhecimento Social e Afiliação.

Em relação aos esportes, os fatores motivacionais mais importantes ocorreram nos fatores competência técnica, competição e aptidão física nos grupos Atletismo/Triatlo, Natação, Ginástica Rítmica e Esporte de Raquete. O grupo das Artes Marciais obteve maiores médias nos fatores competência técnica, competição e atividade em grupo. Para todos os grupos de esportes, os fatores com as menores médias foram diversão, reconhecimento social, afiliação e emoção. Esses resultados estão de acordo com o que é relatado por alguns autores (Guedes e Silvério Netto, 2013b; Bernardes, Yamaji e Guedes,

2015; Weinberg, Tenenbauw, McKenzie *et al.*, 2000). As diferenças estatísticas em relação à média foram encontradas nos fatores reconhecimento social, aptidão física e diversão.

O fator Reconhecimento Social procura atender aspectos de motivação vinculados à aprovação social, busca de prestígio, superação pessoal e à auto realização (Guedes e Silvério Netto, 2013a). Os esportes com maiores diferenças estatísticas foram os grupos Atletismo/Triatlo e Natação. Na prática esportiva, atletas jovens se espelham em seus ídolos esportivos e o esporte passa a ser uma forma de buscar uma ascensão social e realização pessoal. A Aptidão Física tem como característica atender os motivos de ordem fisiológica e de condicionamento físico, atendendo a critérios de ordem de saúde (Guedes e Silvério Netto, 2013a), e foi um dos motivos mais importantes para alguns esportes, como nos atletas da Natação. O fator Diversão visa a utilização de instalações esportivas, participar de viagens, ter o prazer em realizar voluntariamente uma prática esportiva (Guedes e Silvério Netto, 2013a). Como em nosso estudo, Andrade, Marquez e Salgueiro (2006), comentam que os atletas ao praticarem a Natação, os motivos relatados se relacionam com a necessidade de socialização, desenvolver novas habilidades motoras, melhoria da saúde e a cooperação entre iguais.

Na variável sexo, nossos resultados apresentaram as maiores médias nos fatores Competência Técnica, Aptidão Física e Competição. Em um artigo de revisão, Crespo e Reid (2007) apontam pela preferência de meninos para competição, desafio e status, entretenimento e recompensas mais do que moças. Por outro lado, o estudo de revisão, Bernardes, Yamaji e Guedes (2015) identificou que a Competência Técnica foi o fator mais apontado por atletas de ambos os sexos inseridos nos diferentes contextos socioculturais.

Em nosso estudo, diferença estatística aconteceram no fator Reconhecimento Social, que apresentou menor relevância para as moças do que para os rapazes. Estes resultados estão de acordo com alguns trabalhos encontrados na literatura.

No trabalho desenvolvido por Bastos, González Boto e Marques (2006), seus resultados atletas de natação, sugerem que os homens foram mais motivados pela experiência social do que as mulheres. Para Frutuoso, Kraeski e Krebs (2013), ginastas motivam-se, acima de tudo, pelas amizades que possuem dentro da equipe. Weinberg *et al.* (2000) observaram que os fatores competição e reconhecimento social foram os motivos mais importantes para os rapazes do que as moças, ao passo que os motivos relacionados com diversão, atividade física e trabalho em equipe foram mais importantes para as moças do que rapazes. Diferentemente do que foi encontrado por Balbinotti,



Saldanha e Balbinotti (2009), em um estudo com atletas de basquetebol de ambos os sexos, seus resultados indicam grande importância atribuída por atletas do sexo feminino a fatores sociais e de afiliação.

Para a variável idade, os resultados mostram que os atletas de faixa etária de 11 a 14 anos tem médias maiores nos fatores Atividade Física, Competência Técnica e Competição do que na faixa etária de 16 a 21 anos, apresentando diferença estatística no fator motivacional Atividade em Grupo. Estes resultados estão de acordo com o que se apresenta na literatura. De acordo com o estudo de revisão de Bernardes, Guedes e Yamaji (2015), foi constatado que atletas mais novos atribuem uma importância maior ao fator diversão, afiliação e reconhecimento social. Em atletas mais velhos, a literatura se refere aos motivos Competição, Aptidão Física. Isto reforça a tendência dos mais novos a reconhecer e valorizar os aspectos lúdicos no esporte. Guedes e Missaka (2015), em um estudo sobre judocas, expõem que os fatores atividade em grupo e diversão apresentaram as menores médias comparado com os outros fatores estudados, mas tiveram uma importância significativa em judocas mais velhos. Para Buonamano, Cei e Mussino (1995), o fator diversão teve maior importância em atletas mais novos do que em atletas mais velhos.

Supõe-se que a motivação aumenta de acordo com o tempo de prática e com o nível de competição. Contudo, os resultados deste estudo mostram que as médias nos fatores motivacionais decrescem de acordo com a experiência (tempo de prática) e nível de competição. As maiores diferenças ocorreram nos motivos Aptidão Física e Competição na variável tempo de prática e Reconhecimento Social, Diversão e Aptidão Física na variável nível competitivo. Possivelmente, atletas mais jovens e inexperientes estão buscando alcançar níveis maiores de competência técnica e física do que atletas mais experientes e mais velhos. Para estes, fatores externos como cobrança de parentes, financeiros e outros, podem estar minando o seu estado motivacional. Assim, treinadores e demais membros da comissão técnica, devem ter o cuidado de enfatizar o trabalho baseado em fatores motivacionais considerados intrínsecos para se evitar um possível abandono da prática esportiva.

Na variável tempo de prática, foi observado em nossos resultados que quanto maior é a experiência dos atletas, menor é importância dada a Competição. Em um artigo sobre os fatores motivacionais em nadadores brasileiros, Andrade, Salgueiro e Márquez (2006) destacam que o motivo apresentado com diferença significativa em relação à média foi o fator Competição, onde à medida que a experiência dos nadadores aumenta, maior é a

importância dada a este fator. Em judocas, Missaka e Guedes (2015) explicam que aqueles que começam a treinar mais cedo e tem uma formação esportiva mais longa tendem a dar mais importância significativa aos fatores Competição, Competência Técnica e Aptidão Física e aquele que tiveram um curto período de formação deu significativamente mais importância à fatores motivacionais Amizade e Diversão.

Já Aptidão Física, é um dos fatores que apresentam as maiores médias, exceto em atletas que competem em competições internacionais. Pode-se afirmar que atletas menos experientes (até 3 anos de prática) e que disputam competições a nível local, valorizam mais fatores que promovam o bem-estar físico e de saúde (Aptidão Física) do que atletas mais experientes (com 10 anos de prática esportiva ou mais) e que disputam competições a nível internacional. Para Bernardes, Yamaji e Guedes (2015), atletas mais jovens em nível de competição geralmente procuram aprimorar suas habilidades e o suporte dos companheiros é muitas das vezes fundamental para o desenvolvimento da competência técnica. Jõesaar e Hein (2011) destacam que atletas com mais tempo de prática criam um senso de segurança e de convívio em grupo mais efetivo e que pode, por sua vez, promover o encorajamento mútuo voltado ao aprimoramento das capacidades técnicas, tornando a atividade esportiva mais agradável, consolidando a permanência na prática esportiva. Os autores ainda sugerem que os atletas mais experientes na prática de esporte e com maior envolvimento na modalidade podem oferecer importância tanto para motivos intrínsecos como extrínsecos.

Na variável nível de competição, observa-se que os fatores Competência Técnica, Competição e Aptidão Física são mais valorizados em atletas que disputam competições locais, regionais e nacionais do que em atletas à nível internacional, onde os fatores Reconhecimento Social e Diversão apresentam as menores médias. Em seu estudo, Guedes e Silvério Netto (2013) indicam as maiores médias nos fatores Competição e Competência Técnica em atletas que competem a nível regional e internacional e as menores médias ocorrendo nos fatores Diversão, Atividade em Grupo, Reconhecimento Social, Emoção e Afiliação. De acordo com Missaka e Guedes (2013), seus resultados indicam que aqueles que participam de competições regionais valorizaram mais os fatores reconhecimento social, atividade em grupo, emoção, amizade e diversão. Contudo, os atletas que participaram de competições internacionais valorizam mais os fatores atividade física, competição e competência técnica. Para os autores, ao progredirem do nível nacional para

o internacional, os maiores motivos relacionados ao desafio e competência física e técnica se tornam mais atraentes para o alto desempenho de jovens atletas.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que os fatores motivacionais mais valorizados pelos atletas foram a Competição, a Competência Técnica e a Aptidão Física, que são considerados como motivos extrínsecos.

Observa-se também que quanto maior a experiência e maior o nível competitivo, ocorre uma diminuição na pontuação dos motivos que levam os atletas a realizarem uma prática esportiva.

As realizações de futuros estudos longitudinais podem trazer outras informações relevantes sobre a temática.

## REFERÊNCIAS

- Andrade A, Salguero A, Márquez S. Motivos para a participação esportiva em nadadores brasileiros. *Fitness & Performance Journal*. 2006; 5(6): 363-369.
- Bastos AA, Boto-González R, Marquez S. Motives for participation in physical activity by brazilian adults. *Perceptual and Motor Skills*. 2006;102 (2): 358-367.
- Balbinotti MAA, Capozzoli CJ. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2008; 22(1): 63-80.
- Balbinotti MAA, Saldanha RP, Balbinotti CAA. Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo. *Motriz: Revista de Educação Física*. 2009; 15(2): 318-329.
- Bernardes AG, Yamaji BHS, Guedes DP. Motivos para prática de esporte em idades jovens: um estudo de revisão. *Motricidade*. 2015; 11(2):163-173.
- Buonamano A, Cei A, Mussino A. Participation motivation in italian youth sport. *The Sports Psychology*. 1995; 9(3); 265–281.
- Crespo M, Reid MM. Motivation in tennis. *British Journal of Sports Medicine*. 2007; 41:769–772.
- Frutuoso AS, Kraeski MH, Krebs RJ. Fatores motivacionais relacionados à prática de ginástica rítmica. *Pensar a Prática*. 2013;16 (4): 956-1270.

Gomes SS, Miranda R, Bara Filho MG, Brandão MRF. O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas. *Revista da Educação Física/UEM*. 2012; 23(3):379-387.

Guedes DP, Silverio Netto JE. Participation Motivation Questionnaire: tradução e validação para uso em atletas-jovens brasileiros. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2013; 27(1): 137-148.a

Guedes, DP, Silvério Netto JE. Sport participation motives of young brazilian athletes. *Perceptual and Motor Skills*. 2013;117(3):742–759. <http://doi.org/10.2466/06.30.PMS.117x33z2>. b

Guedes DP, Missaka MS. Sport participation motives of young brazilian judo athletes. *Motriz: Revista de Educação Física*. 2015; 21(1): 84-91.

Jõesaar H, Hein V. Psychosocial determinants of young athletes' continued participation over time. *Perceptual and Motor Skills*. 2011;113(1); 51-66.

Kondrič M, Sindik J, Furjan-Mandić G, Schiefler B. Participation motivation and student's physical activity among sport students in three countries. *Journal of Sports Science and Medicine*. 2013; 12(1):10-18.

Murcia JAM, Coll DGC. A permanência de praticantes em programas aquáticos baseada na Teoria de Autodeterminação. *Fitness & Performance Journal*. 2006; 5(1): 5-10.

Murcia JAM, Cervelló EG, Coll DGC. Analizando la motivación en el deporte: un estudio a través de la teoría de la autodeterminación. *Apuntes de Psicología*. 2007; 25(1): 35-51.

Murcia JAM, Gimeno EC, Coll DGC. Young athletes' motivational profiles. *Journal of Sports Science and Medicine*. 2007; 6 (2):172-179.

Ryan RM, Deci EL. Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. *Contemporary educational psychology*. 2000; 25(1): 54-67.

Scagliusi FB, Cordás TA, Polacow VO, *et al.* Tradução da escala de desejo de aceitação social de Marlowe & Crowne para a língua portuguesa. *Revista de Psiquiatria Clínica*. 2004; 31(6): 272-278.

UNESCO (ONU). Carta International de Educação Física, Atividade Física e Esporte. 2016. <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002354/235409POR.pdf>.

Vallerand, RJ. Intrinsic and extrinsic motivation in sport. *Encyclopedia of Applied Psychology*. 2004; 2 (10):427-435.

Weinberg R, Tenenbaw G, McKenzie A et al. Motivation for youth participation in sport and physical activity: relationships to culture, self-reported activity levels, and gender. *International Journal of Sport Psychology*. 2000; 31: 321-346.

## **7 – ARTIGO 3**

(Formatação conforme as normas de submissão de artigo da Revista Ciência e Movimento)

### **A Autoeficácia em atletas de esportes individuais**

Michel Habib Monteiro Kyrillos; Afrânio de Andrade Bastos

## A AUTOEFICÁCIA EM ATLETAS DE ESPORTES INDIVIDUAIS SELF-EFFICACY OF INDIVIDUALS SPORTS

### RESUMO:

A teoria de autoeficácia foi elaborada por Bandura dentro de sua teoria social cognitiva, é utilizada para investigar a autoconfiança na área do esporte e do rendimento motor. O seu estudo propõe conhecer o que influencia um atleta na execução de uma tarefa, neste caso, a prática esportiva. O objetivo deste estudo foi analisar os fatores influenciadores da autoeficácia de atletas de esportes individuais. A amostra foi composta por 99 atletas de modalidades individuais (Atletismo/Triatlo, Artes Marciais, Esportes de Raquete, Ginástica Rítmica, Natação), de ambos os sexos, com idade entre 11 e 21 anos ( $14,36 \pm 2,55$ ), residentes na cidade de Aracaju, SE. Foi utilizado o questionário de Autoeficácia Geral Percebida. A análise dos dados foi realizada utilizando os testes: de normalidade Kolmogorov-Smirnov, teste T de Student e Anova One-way e o tamanho do efeito. Foram examinadas as diferenças entre as variáveis: sexo, idade, competição, tipo de esporte e tempo de prática. Os resultados da autoeficácia apresentaram diferenças significativas entre os esportes ( $p = 0,03$ ), tendo a natação pontuando mais ( $3,44 \pm 0,41$ ) que os demais esportes. Para as demais variáveis não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Conclui-se que possivelmente a autoeficácia varia em função da modalidade esportiva que se pratica. Neste estudo, os atletas da Natação apresentaram um senso de autoeficácia maior que as demais. Nota-se que o sexo, a idade, o tempo de prática (experiência) e o nível competitivo, por si só, não são determinantes para influenciar a autoeficácia.

**PALAVRAS CHAVES:** Autoeficácia, Esporte, Auto confiança

### ABSTRACT:

The self-efficacy theory was elaborated by Bandura in his social cognitive theory is used to investigate the self-reliance in the area of sports and motor performance. Their study proposes know what influences an athlete in performing a task, in this case the sport. The aim of this study was to analyze the factors that influence self-efficacy of individual sports athletes. The sample was composed of 99 athletes from individual sports (Athletics / Triathlon, Martial Arts, Racket Sports, Rhythmic Gymnastics, Swimming), of both sexes, aged between 11 and 21 years ( $14.36 \pm 2.55$ ) residents in the city of Aracaju, SE. the questionnaire General Self-efficacy Perceived was used. Data analysis was performed using the tests: Kolmogorov-Smirnov normality, Student's t test and Anova one way and the effect size. the differences between variables were examined: gender, age, race, type of sport and practice time. The results showed significant differences between self-efficacy sports ( $p = 0.03$ ) and more swimming scoring ( $3.44 \pm 0.41$ ) than the other sports. For the other variables statistically significant differences were found. possibly to conclude the self-efficacy varies depending on the sport that is practiced. In this study, the athletes swimming had a sense of self-efficacy higher than the others. Note that gender, age, time of practice (experience) and the competitive level alone are not decisive to influence self-efficacy.

**KEY WORDS:** Self-efficacy, sport, self-confidence

### INTRODUÇÃO:

A teoria social cognitiva estuda o comportamento humano e é definida pela interação entre os fatores pessoais, comportamentais e o meio ambiente<sup>1</sup>. Dentro dela, Bandura desenvolveu a teoria de autoeficácia, que tem tido uma certa importância para determinar o rendimento atlético, auxiliando os atletas na realização das tarefas esportivas. E tem sido fundamental para a adesão e manutenção de atividades físicas esportivas, bem como para a persistência frente às dificuldades, motivações, graus de esforços a serem empregados para alcançar os objetivos e superação de obstáculos<sup>2</sup>.

Assim, Scholz, Doña, Sud e Schwarzer<sup>3</sup> conceituam a auto eficácia como um conjunto de crenças pessoais que influenciam a capacidade das pessoas em lidar com uma variedade de situações estressantes. Segundo Sbicigo, Texeira, Dias e Dell'Aglio<sup>4</sup>, as crenças de autoeficácia atuam como um mecanismo regulador da ação humana, influenciando a capacidade de estabelecer metas, executar planos de ação, tomar decisões e auto avaliar o comportamento. Essas crenças também influenciam o grau de esforço e persistência na busca de um objetivo e nas expectativas de resultado. Indivíduos com autoeficácia elevada tendem a

estabelecer objetivos mais complexos e desafiadores, explorar mais o seu ambiente e persistir na situação/tarefa diante de obstáculos. Por outro lado, quando baixa é associada à depressão, ansiedade, impotência e baixa autoestima, podendo gerar dúvidas sobre suas realizações e desenvolvimento pessoal<sup>3</sup>.

As crenças de autoeficácia variam de acordo com três dimensões: o nível, a força e a generalização das expectativas. O nível se refere a realização de uma tarefa pelo atleta em diferentes níveis de dificuldades<sup>1</sup>. A força, reflete o grau de certeza na qual o atleta será capaz de executar com maestria certas tarefas com distintos níveis de dificuldade<sup>2</sup>. Já a generalização das expectativas se remete ao número de domínios, situações específicas ou especialidades de um atleta para se considerar eficaz<sup>2</sup>.

De acordo com a teoria social cognitiva de Bandura, os sentimentos da eficácia se baseiam em seis fontes de informações<sup>1,5</sup>: a Realização de desempenho, se refere na experiência pessoal do atleta, que se for bem-sucedido seu nível de autoeficácia será alto, mas após fracassos sucessivos suas expectativas de eficácia são mais baixas<sup>5</sup>; as Experiências Indiretas, que são uma forma em ajudar o atleta na aprendizagem de outras habilidades, influenciada pela observação, e também, pela avaliação de outros atletas no desempenho de equipes ou individualmente<sup>1</sup>; a Persuasão Verbal, é utilizada para incentivar a correção de gestos e erros e fazendo elogios, sendo importante e útil para melhorar a autoeficácia<sup>1,5</sup>; as Experiências Imaginativas, quando os atletas continuamente se imaginam vencendo um adversário e como que eles próprios ou outros se comportam eficaz ou ineficazmente em situações futuras; os Estados Fisiológicos, atletas podem associar a ativação fisiológica aversiva com mau desempenho, percepção de incompetência e percepção de fracasso, mas se é vista como facilitadora, então a autoeficácia aumenta; os Estados Emocionais podem ser uma fonte adicional de autoeficácia<sup>5</sup>, em que se seu efeito é positivo (felicidade, excitação, calma), atletas tem uma maior sensação de eficácia sobre seu desempenho do que quando os efeitos são negativos (depressão, ansiedade, tristeza)<sup>1</sup>. Elas não são mutuamente exclusivas em relação à informação que fornecem, embora algumas destas sejam mais influentes que outras.

Segundo Scholz, Doña, Sud e Schwarzer<sup>3</sup>, os níveis de autoeficácia podem aumentar ou diminuir a motivação, e isso faz diferença na forma como as pessoas se sentem, pensam e agem. Quando elevada, a autoeficácia é um fator determinante para o bom desempenho dos atletas. Por outro lado, quando baixa pode gerar dúvidas, especialmente se as crenças de efetividade ainda não estiverem estabelecidas. E, quanto menos experiência um atleta tiver com determinada tarefa ou situação, mais ele se fixará em outros indivíduos para julgar suas próprias capacidades, levando a uma baixa confiança e uma maior preocupação em seu desempenho, podendo bloquear o seu rendimento.

No esporte, a autoconfiança é um dos fatores psicológicos mais frequentemente citados por sua influência sobre o rendimento esportivo, mas não é sinônimo de autoeficácia. Segundo Machado, Paes, Berbetz e Stefanelo<sup>2</sup>, enquanto a autoeficácia é a crença em realizar determinada atividade a autoconfiança se refere ao grau de firmeza e convicção em determinada atividade, não especificando a situação.

Por isso que seu entendimento é de suma importância para a compreensão da aderência ou da manutenção de atletas numa prática esportiva. E, em busca do entendimento dos mecanismos da autoeficácia na prática esportiva, quais os fatores que influenciam nas crenças de autoeficácia de atletas de esportes individuais? Este estudo, apresenta com objetivo analisar os fatores que influenciam na autoeficácia em atletas de esportes individuais.



## MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho se caracteriza por ser um estudo de caráter descritivo, transversal, com abordagem quantitativa, que obedece às diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos da (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe-UFS sob o parecer nº 1.177.281.

Ao realizar o contato explicando os objetivos da avaliação para os atletas envolvidos e seus treinadores, foi feito o agendamento para aplicação dos questionários em seu local de treino. A participação dos sujeitos foi voluntária, sendo atletas com idade entre 11 e 21 anos, que participaram de competições oficiais desde o nível local até o internacional no último ano e que responderam corretamente os questionários e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos, atletas que não responderam de forma correta os questionários.

A amostra foi composta por 99 atletas divididos em grupos de modalidades esportivas: Atletismo/Triatlo (8), Artes Marciais (judô e karatê) (43), Esportes de Raquete (tênis de campo, tênis de mesa e badminton) (20), Ginástica Rítmica (15), Natação (13), residentes na cidade de Aracaju, Sergipe. Em relação ao sexo, 46 atletas eram mulheres e 56 homens. Os atletas possuíam tempo de prática nos referidos esportes entre 1 e 13 anos e disputavam competições a nível local (11), regional (19), nacional (51) e internacional (18).

Para a coleta dos dados foi utilizada uma série de questionários: sócio demográfico (de elaboração própria, para determinação das variáveis, idade, sexo, tempo de prática no esporte, nível de competição e esporte) e a escala de autoeficácia geral percebida.

A Escala de Autoeficácia Geral Percebida – EAEGP (General Self-Efficacy Scale) idealizada por Schwarzer e Jerusalem (1995)<sup>3</sup>, validada no Brasil por Souza e Souza<sup>6</sup> e realizada a estrutura psicométrica por Sbicigo, Texeira, Dias e Dell’Aglío<sup>4</sup>. Foi criada para avaliar um senso geral de autoeficácia percebida, objetivando prever a capacidade de superação das dificuldades diárias assim como a adaptação depois de experimentar todos os tipos de eventos estressantes da vida<sup>5</sup>. A EAEGP possui 10 itens sobre opiniões pessoais do indivíduo a respeito de si mesmo, e estão elaboradas em escala de Likert de 4 pontos<sup>3</sup>.

A análise dos dados foi realizada inicialmente com o teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov, para determinação da sua normalidade de definição dos testes que seriam realizados. Para tanto, foi utilizado o teste T de Student nas variáveis sexo e idade, Anova One-way para as variáveis tempo de prática, nível de competição e esporte, com teste *post hoc* de Tukey através do pacote estatístico SPSS 20.0. Foram considerados significativos os valores de  $p \leq 0,05$  e calculado o tamanho do efeito.

## RESULTADOS

Em relação aos esportes (figura 1), os resultados mostram que, as maiores médias encontradas em relação a autoeficácia foram em atletas da Natação ( $3,44 \pm 0,41$ ), seguido pelos atletas que disputam o Atletismo e Triatlo ( $3,38 \pm 0,37$ ), Ginástica Rítmica ( $3,16 \pm 0,34$ ), Artes Marciais ( $3,12 \pm 0,28$ ) e Esportes de Raquete ( $3,10 \pm 0,52$ ). Os dados apresentam diferença estatística significativa em relação aos esportes

individuais ( $p=0,03$ ). Porém, o teste *post hoc* de Tukey realizado não teve sensibilidade para discriminar as diferenças. O tamanho do efeito foi calculado e considerado como médio ( $d=0,72/r=0,34$ ).

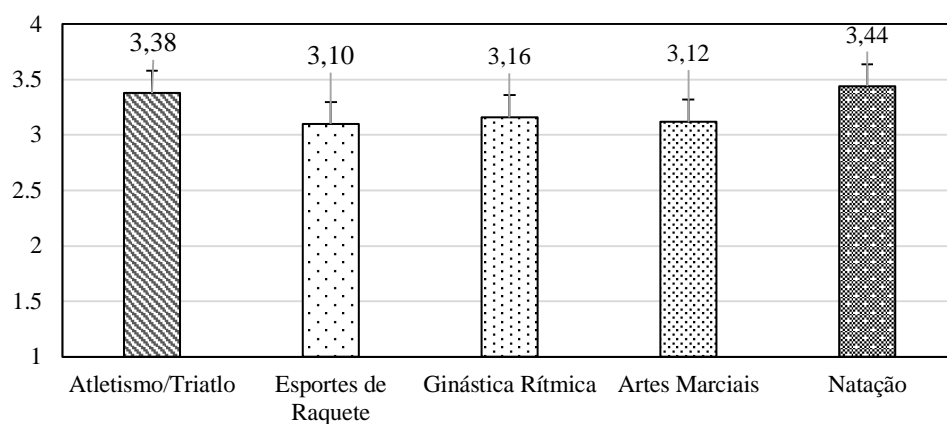


Figura 1: Valores médios das pontuações relacionadas à Autoeficácia de acordo com as modalidades esportivas

Em relação ao sexo (figura 2), os valores encontrados não apresentaram diferenças estatisticamente significativas, onde se conclui que a autoeficácia não é influenciada pelo sexo do atleta.

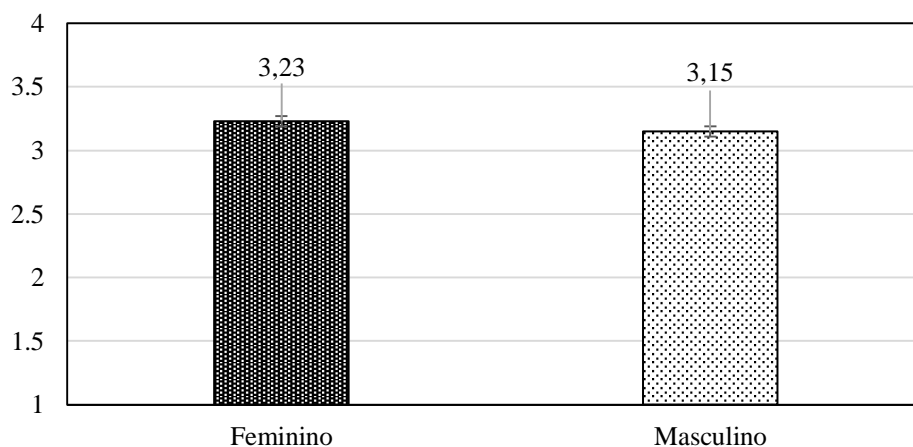


Figura 2: Valores médios das pontuações relacionadas à Autoeficácia de acordo com o sexo.

Na figura 3, em relação às faixas etárias os resultados também não apresentam diferenças estatisticamente significativas. Desta forma a idade dos sujeitos não influencia na sua autoeficácia.

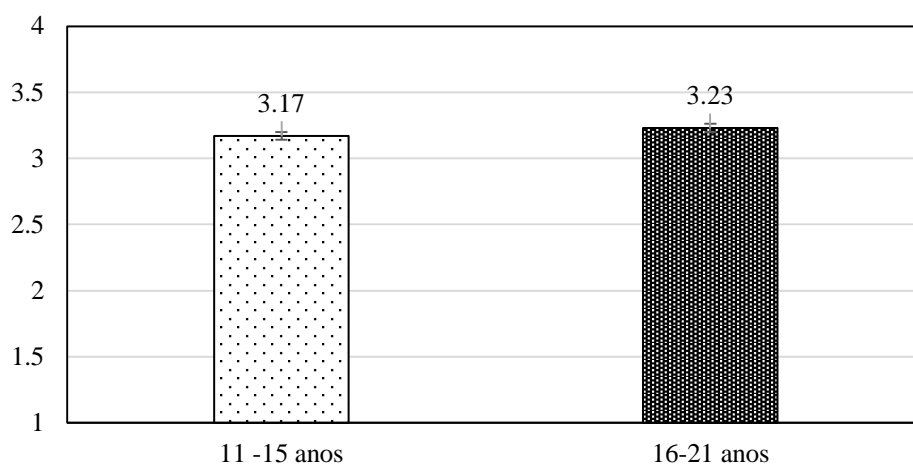


Figura 3: Valores médios das pontuações relacionadas à Autoeficácia de acordo com a idade.

Como nas variáveis anteriores, os resultados relacionados ao tempo de prática esportiva (figura 4) não apareceram diferenças estatisticamente significativas em relação à média. Isso demonstra que a autoeficácia não é influenciada pelo tempo de prática (experiência) dos atletas.

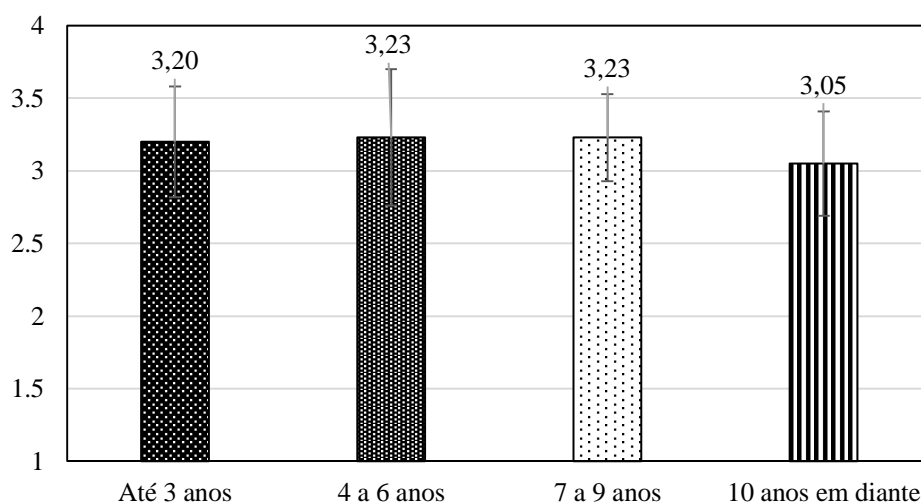


Figura 4: Valores médios das pontuações relacionadas à Autoeficácia de acordo com o tempo de prática.

Como apresentado nas outras variáveis, os resultados referentes ao nível competitivo não apresentam diferenças estatisticamente significativas em relação à média (Figura 5), não influenciando nos resultados da autoeficácia.

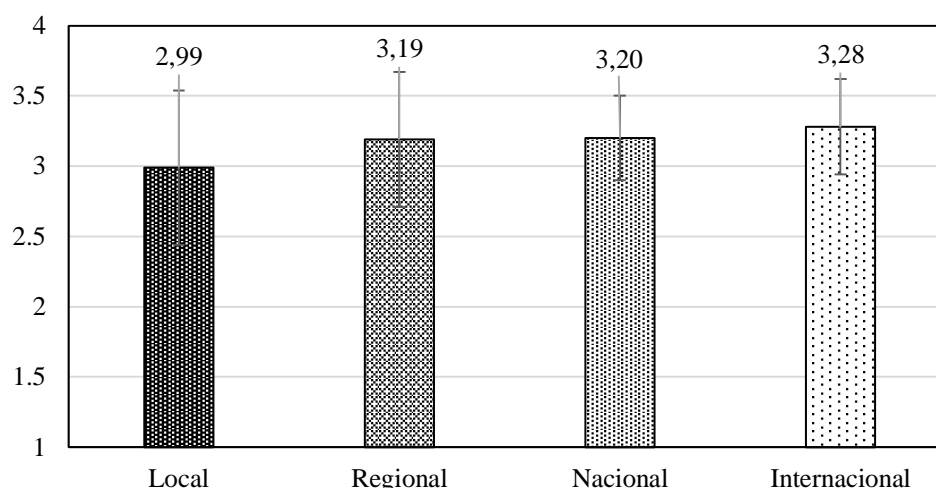


Figura 5: : Valores médios das pontuações relacionadas à autoeficácia de acordo com o nível competitivo em atletas de esportes individuais

## DISCUSSÃO

O estudo da autoeficácia visa reconhecer o que influencia um atleta na execução de uma tarefa, aqui no caso, a prática esportiva. O seu estudo vem ocorrendo desde a década de 90<sup>7</sup>, com alguns estudos destacando a relação entre a autoeficácia e desempenho em diferentes esportes. Dentre eles uma metanálise realizada por Moritz, Feltz, Fahrback e Mack<sup>8</sup>, onde foram encontrados efeitos positivos entre desempenho esportivo e a autoeficácia. Assim como em trabalhos relacionados a diversos esportes<sup>9 10 11 12 13 14 15 16 17 18</sup>, em praticantes de atividade física<sup>19 20</sup>, entre outros.

Em relação as modalidades esportivas, nossos resultados indicam que os atletas de Natação possuem um senso de autoeficácia mais alto ( $3,44 \pm 0,41$ ) que nos demais esportes. Theodorakis<sup>21</sup>, no estudo sobre os efeitos da autoeficácia, satisfação e objetivos pessoais no desempenho de nadadores, os resultados fornecem evidências de que a autoeficácia, auto satisfação, e estabelecimento de metas pessoais são determinantes para a melhoria no desempenho. Em pesquisa com jogadores de basquete, Ortega Olmedilla, Baranda e Gómez<sup>11</sup> indicam em seus resultados que os jogadores com altos níveis de autoeficácia apresentaram maiores valores nas variáveis desempenho e participação do que os jogadores com baixos níveis de autoeficácia.

Uma das características deste estudo foi demonstrar que o sexo, a idade e a experiência no esporte, por si só, não influenciam diretamente as crenças na eficácia esportiva de atletas. Fatores ambientais e fisiológicos podem ser determinantes na eficácia e do desempenho esportivo de atletas, podendo influenciar na confiança para a atividade na atividade esportiva em si.

Em relação ao sexo, nossos resultados não apresentam diferenças estatisticamente significativas, sendo que ambos os sexos possuem nível de autoeficácia alto. Com resultados semelhantes, Caruzzo, Abiko, Vieira e Nazário<sup>17</sup>, em estudo um sobre o nível de autoeficácia e desempenho de atletas de vôlei de praia, também não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos. Ferreira *et al.*<sup>10</sup> apontam que atletas do sexo feminino (com ou sem deficiência), apresentam valores médios mais elevados nas dimensões confiança física, força física, autoestima global e autoeficácia percebida, quando comparadas com os seus pares do sexo masculino sem e com deficiência motora. Já no estudo de Nazário *et al.*<sup>12</sup>, seus

apresentaram níveis de significância maiores em atletas da natação do sexo masculino do que em atletas do sexo feminino.

Os resultados para idade, tempo de prática e nível competitivo não apresentam diferenças significativas. Segundo Lavoura e Machado<sup>15</sup>, os seus resultados com atletas de esporte de aventura mostram que aqueles considerados mais experientes julgavam-se mais capazes de realizarem ações específicas dentro da modalidade. Segundo Bray, Balaguer e Duda<sup>18</sup>, embora os jogadores de futebol espanhóis disputem níveis competitivos da Elite, os resultados mostram um limite para o efeito da autoeficácia em relação às competências em atletas da base. Para os autores, o papel do desempenho se relaciona mais fortemente com as crenças de suas capacidades para integrar as competências básicas para funções mais complexas, realizados de forma independente por um ou mais de seus companheiros, sendo assim sua eficácia pessoal.

Diferentemente dos resultados aqui apresentados, em um estudo com tenistas, Moreno<sup>13</sup> afirma que a comparação do nível do seu adversário com o seu próprio diminui a sua autoeficácia, diminuindo também a expectativa de seu resultado. Em uma revisão sistemática, Machado *et al.*<sup>2</sup> observaram que níveis de autoeficácia apresentam uma relação direta com o desempenho esportivo, que sendo que aqueles atletas que se auto avaliaram positivamente em relação as suas crenças de eficácia, apresentaram desempenho melhor do que os atletas que exibiram baixos níveis de autoeficácia. Para Lavoura e Machado<sup>15</sup>, atletas com mais habilidade ou técnica percebem melhor suas capacidades de avaliar as condições de realização de determinada tarefa com maior êxito. Para Moritz *et al.*<sup>8</sup>, quanto maior o esforço e a busca de desafios, maior é a sua eficácia.

Assim, conclui-se que a autoeficácia varia em função da modalidade esportiva que se pratica. Neste estudo, os atletas da Natação apresentaram um senso de autoeficácia maior que as demais. Nota-se que o sexo, a idade, o tempo de prática (experiência) e o nível competitivo, por si só, não são determinantes para influenciar a autoeficácia.

## REFERÊNCIAS

- 1 Dithurbide L, Feltz D. Self-Efficacy and Colletive Efficacy. In: Tenenbaum G, Eklund RC, Kamata A (Editors.). *Measurement in sport and exercise psychology*. Champaign, United States of America: Human Kinetics; 2012. 552 p. ISBN 9780736086813
- 2 Machado TA, Paes MJ, Berbetz SR, Stefanello JMF. Autoeficácia esportiva: uma revisão integrativa dos instrumentos de medida. *Rev Educ Fís UEM*. 2014; 25(2):323-33.
- 3 Scholz U, Doña BG, Sud S, Schwarzer R. Is general self-efficacy a universal construct? *Psychometric findings from 25 countries*. *Eur J Psychol Assess* 2002; 18(3):242-251. <http://dx.doi.org/10.1027//1015-5759.18.3.242>
- 4 Sbicigo JB, Teixeira MAP, Dias ACG; Dell'aglio DD. Propriedades Psicométricas da Escala de Autoeficácia Geral Percebida (Eagp). *Psico, Pucrs*. 2012; 43(2): 139-146.
- 5 Weinberg RS, Gould D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2008. 624 p. ISBN 9788536313313.
- 6 Souza I, Souza MA. Validação da escala de autoeficácia geral percebida. *Rev UFRRJ*. 2004;26 (Série Ciências Humanas 1 e 2):12-7.
- 7 Balaguer I, Escartí A, Villamarín, F. Autoeficacia em el deporte y em atividade física: estado actual de la investigacion. *Ver. De Psicol. Gral. Y Aplic*. 1995; 48 (1): 139-159.
- 8 Moritz SE, Feltz DL, Fahrback KR, Mack DE. The relation of self-efficacy measures to Sport performance: a meta-analytc review. *Res Q Exerc Sport*. 2000;71(3):280-94.
- 9 Gomes SS, Miranda R, Bara Filho MG, Brandão MRF. O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas. *Rev Educ Fís UEM*. 2012; 23(3):379-387.
- 10 Ferreira JP, Gaspar P M, Campos M J, Senra C M. Autoeficácia, competência física e autoestima em praticantes de basquetebol com e sem deficiência física. *Motricidade*: 2011; 7 (1): 55-68.

- 11 Ortega E, Olmedilla A, Sainz de Baranda P; Gómez M A. Relationship between the level of self-efficacy, performance indicators, and participation in youth basketball. *Rev Psicol del Deporte*. 2009; 18 (3): 337-342
- 12 Nazario PF, Caruzzo NM, Lima FEB, Santos VAP, Vieira JLL, Contreira AR. Níveis de motivação em nadadores: uma comparação em relação a autoeficácia, sexo e categorias da modalidade. *BIOMOTRIZ*: 2013; 7(01). ISSN: 2317-4367.
- 13 Moreno RM. Autoeficácia de tenistas e desempenho esportivo: perspectivas da psicologia do esporte [dissertação]. Rio Claro (SP): Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, Instituto de Biociências; 2007.
- 14 Hatzigeorgiadis A, Zourbanos N, Goltsios C, Theodorakis Y. Investigating the functions of self-talk: the effects of motivational self-talk on self-efficacy and performance in young tennis players. *Sport Psychol*. 2008; 22: 458-471.
- 15 Lavoura TN, Machado A A. Esporte de Aventura de rendimento e estados emocionais: relações entre ansiedade, autoconfiança e autoeficácia. *Motriz*. 2006; 12 (2): 143-148.
- 16 Vieira LF, Teixeira CL, Vieira JLL; Oliveira Filho A. Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*. 2011; 13(3):183-188.
- 17 Caruzzo NM, Abiko RH, da Silva JC, Viera JLL, Nazário PF. Relação entre o Nível de Autoeficácia e o Desempenho de Atletas de Vôlei de Praia. *Arquivos em Movimento*. 2014; 9(2): 8-18.
- 18 Bray SR, Balaguer I, Duda JL. The relationship of task self-efficacy and role efficacy beliefs to role performance in Spanish youth soccer. *J Sports Sci*. 2004; 22: 429–437.
- 19 Reigal R, Videra A, Gil J. Práctica física, autoeficacia general y satisfacción vital en la adolescência. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el deporte*. 2014; 14(55):561-576. [Http://cdeporte.rediris.es/revista/revista55/artdiseno480.htm](http://cdeporte.rediris.es/revista/revista55/artdiseno480.htm)
- 20 Barros MB, Iaochite RT. Autoeficácia para a prática de atividade física por indivíduos adultos. *Motricidade*. 2012; 8 (2):32-41.
- 21 Theodorakis Y. Effects of Self-Efficacy, Satisfaction, and Personal Goals on Swimming Performance. *Sport Psychol*. 1995; 9(3): 245-253.

## 8- CONCLUSÕES

1. Conclui-se que os motivos apresentados como os mais importantes foram Competição, Competência Técnica e Aptidão Física, considerados como extrínsecos e que a autoeficácia sofre variação em função do atleta possuir ou não o auxílio financeiro.

2. Em atletas de modalidades esportivas individuais os fatores motivacionais mais valorizados foram a Competição, a Competência Técnica e a Aptidão Física, que são considerados como motivos extrínsecos. Quanto maior a experiência e maior o nível competitivo, ocorre uma diminuição na pontuação média dos motivos que levam os atletas a realizarem uma prática esportiva.

3. A autoeficácia sofre variação em função da modalidade esportiva que se pratica. Os atletas da Natação apresentaram um senso de autoeficácia maior que os demais. O sexo, a idade, o tempo de prática e o nível competitivo, por si só, não são determinantes para influenciar a autoeficácia.

## ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

### DADOS GERAIS:

Recebe o Bolsa Atleta da prefeitura de Aracaju? (    ) SIM                      (    ) NÃO

SEXO: (    ) Masculino                      (    )Feminino

Idade:

Modalidade Esportiva:

Idade que iniciou na modalidade esportiva:

Número de treinos semanais:

Duração do treino:

Tipo de Competição:

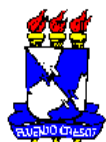
(    ) Local;

(    ) Regional

(    ) Nacional;

(    ) Internacional



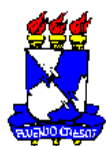


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ESCALA DE NECESSIDADE DE APROVAÇÃO SOCIAL

Você encontrará uma série de frases, as quais terá que assinalar, o mais sincero possível, se em seu caso, são VERDADEIRAS ou FALSAS. No caso de ser VERDADEIRA, assinale com um círculo a letra V, e se é FALSA, a letra F.

	VERDADEIRO	FALSO
1. Em algumas ocasiões, se não estou animado, resulta seguir fazendo meu trabalho (estudos, treinamento, etc).	V	F
2. Em algumas ocasiões, me sinto mal quando não consigo meus objetivos nos estudos, trabalho, esporte, etc.	V	F
3. Em poucas ocasiões abandonei algo porque pensava que era pouco hábil (que não me dava bem.)	V	F
4. Houve ocasiões onde me senti bem ao me rebelar contra as pessoas que tinham autoridade (pais, professores, técnicos, chefes, etc.), inclusive sabendo que eles tinham razão.	V	F
5. Não importa com que esteja conversando, sempre escuto com atenção.	V	F
6. Houve ocasiões onde eu me aproveitei de alguém (tirei benefício de outra pessoa).	V	F
7. Sempre estou disposto a admitir que cometi um erro (me equivoquei).	V	F
8. Às vezes tento devolver o que me fizeram em vez de esquecer ou perdoar (sou vingativo (a)).	V	F
9. Sempre sou educado (a), inclusive com pessoas desagradáveis (que não é educada).	V	F
10. Nunca me pareceu mal que as pessoas expressem suas idéias contrárias às minhas.	V	F
11. Em certas ocasiões senti inveja da boa sorte de outros.	V	F
12. Às vezes me irrita (me parece mal) quando as pessoas me pedem favores.	V	F
13. Nunca disse nada de forma deliberada (havendo pensado antes) que pudesse ferir os sentimentos (molestar) de alguém.	V	F



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

QUESTIONÁRIO DE PARTICIPAÇÃO E MOTIVAÇÃO NO ESPORTE (PMQ)

Abaixo estão alguns motivos que podem levar as pessoas a praticarem esportes.

Leia com atenção cada item e marque com “X” o quanto cada um desses motivos é importante atualmente para Você praticar sua modalidade esportivas.

Eu pratico esportes para:

		Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito Importante	Totalmente Importante
1	Melhorar as habilidades técnicas	1	2	3	4	5
2	Estar com os amigos	1	2	3	4	5
3	Ganhar dos adversários	1	2	3	4	5
4	Liberar energias	1	2	3	4	5
5	Viajar	1	2	3	4	5
6	Manter a forma física	1	2	3	4	5
7	Ter emoções fortes	1	2	3	4	5
8	Trabalhar em equipe	1	2	3	4	5
9	Satisfazer a família ou amigos	1	2	3	4	5
10	Aprender novas habilidades	1	2	3	4	5
11	Fazer novas amizades	1	2	3	4	5
12	Fazer algo que sou bom	1	2	3	4	5
13	Liberar tensões	1	2	3	4	5
14	Ganhar prêmios	1	2	3	4	5
15	Fazer exercício físico	1	2	3	4	5
16	Ter algo para fazer	1	2	3	4	5
17	Ter ação	1	2	3	4	5
18	Desenvolver espírito de equipe	1	2	3	4	5
19	Sair de casa	1	2	3	4	5
20	Competir	1	2	3	4	5
21	Sentir importante	1	2	3	4	5
22	Pertencer a um grupo	1	2	3	4	5
23	Superar limites	1	2	3	4	5
24	Estar em boas condições físicas	1	2	3	4	5
25	Ser conhecido	1	2	3	4	5
26	Vencer desafios	1	2	3	4	5
27	Satisfazer o professor/treinador	1	2	3	4	5
28	Ser reconhecido e ter prestígio	1	2	3	4	5
29	Divertir	1	2	3	4	5
30	Utilizar instalações e equipamentos esportivos	1	2	3	4	5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ESCALA DE AUTOEFICÁCIA GERAL PERCEBIDA (EAEGP)

**Instruções:** Por favor, responda os itens abaixo assinalando o número que melhor representa a sua opinião, de acordo com a chave das respostas apresentada.

1	2	3	4	
Não é verdade a meu respeito	É difícil verdade a meu respeito	É moderadamente verdade a meu respeito	É totalmente verdade a meu respeito	
1. Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída.				1 2 3 4
2. Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que eu quero.				1 2 3 4
3. Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas				1 2 3 4
4. Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário.				1 2 3 4
5. Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.				1 2 3 4
6. Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.				1 2 3 4
7. Tenho a facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos.				1 2 3 4
8. Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas.				1 2 3 4
9. Eu mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas.				1 2 3 4
10. Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade				1 2 3 4

## APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado **RELAÇÕES ENTRE A HABILIDADE PERCEBIDA, DESEJO DE ACEITAÇÃO SOCIAL E OS MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA DE ATLETAS JOVENS DE SERGIPE**, cujo objetivo é: Mensurar os indicadores e as dimensões da motivação e a confiança na realização de diversas modalidades esportivas.

A minha participação no referido estudo será no sentido de me dispor a responder um questionário com informações Sócio Demográficas, Escala de Desejo de Aceitação Social, Escala de Autoeficácia Geral e Motivation Participation Questionarie (Questionário de Motivos para Participação Esportiva). Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: Afrânio Andrade Bastos (orientador) e, Michel Habib Monteiro Kyrillos (pesquisador) e com eles poderei manter contato pelos telefones 8117-6266 e 9929-3689

São Cristovão \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2015

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Afrânio de Andrade Bastos  
(Pesquisador Responsável/Orientador)

\_\_\_\_\_  
Michel Habib Monteiro Kyrillos  
(Pesquisador Principal/Orientando)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, responsável pelo atleta \_\_\_\_\_ estou sendo convidado a participar de um estudo denominado RELAÇÕES ENTRE A HABILIDADE PERCEBIDA, DESEJO DE ACEITAÇÃO SOCIAL E OS MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA DE ATLETAS JOVENS DE SERGIPE, cujo objetivo é: Mensurar os indicadores e as dimensões da motivação e a confiança na realização de diversas modalidades esportivas.

A minha participação no referido estudo será no sentido de me dispor a responder um questionário com informações Sócio Demográficas, Escala de desejo de Aceitação Social e Auto-eficácia Física Geral e Motivation Participation Questionnaire (Questionário de Motivos para Participação Esportiva). Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: Afrânio Andrade Bastos (orientador) e, Michel Habib Monteiro Kyrillos (pesquisador) e com eles poderei manter contato pelos telefones 81176266 e 99293689

São Cristóvão \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2015

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pelo sujeito na pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito

\_\_\_\_\_  
Afrânio de Andrade Bastos  
(Pesquisador Responsável/Orientador)

\_\_\_\_\_  
Michel Habib Monteiro Kyrillos  
(Pesquisador Principal/Orientando)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Ilmo Sr. (a) \_\_\_\_\_

Prezado Senhor (a),

A Universidade Federal de Sergipe através do Mestrado de Educação Física realiza atividades que buscam instrumentalizar seus alunos mestrados objetivando torná-los competentes para o exercício da docência no ensino superior. Entre suas atividades está a realização de uma dissertação fruto de uma pesquisa de campo. Para que esta possa ser realizada se faz necessário uma série de procedimentos. Assim, solicitamos permissão de utilização das dependências deste clube e o acesso aos atletas para realizar a coleta de dados da pesquisa **RELAÇÕES ENTRE A HABILIDADE PERCEBIDA, DESEJO DE ACEITAÇÃO SOCIAL E OS MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA DE ATLETAS JOVENS DE SERGIPE**, sob a responsabilidade do mestrando Michel Habib Monteiro Kyrillos e do orientador Prof. Dr. Afrânio de Andrade Bastos.

Nesta pesquisa nós estamos buscando o nível de motivação e confiança na prática esportiva em atletas.

Em nenhum momento o atleta será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dos mesmos será preservada.

O clube e os atletas não terão nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá entrar em contato com:

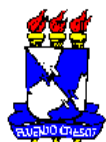
Pesquisador: Michel Habib Monteiro Kyrillos – (79) 9929-3689

Orientador: Prof. Dr. Afrânio de Andrade Bastos – (79) 81176266

Aracaju, de de 2015

\_\_\_\_\_  
Assinatura dos pesquisadores

\_\_\_\_\_  
Assinatura treinador/representante clube



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Campus Universitário "Prof. José Aloísio de Campos", 09 de abril de 2015.

Ilmo Sr.  
Carlos Menezes Calazans Eloy dos Santos Filho  
MD. Secretário Municipal da Juventude e Esporte

Prezado Secretário,

A Universidade Federal de Sergipe através do Programa de Pós-Graduação em Educação Física realiza atividades que buscam instrumentalizar seus alunos objetivando torná-los competentes para o exercício da profissão. Entre suas atividades está a realização de uma pesquisa de campo. Para que esta possa ser realizada se faz necessário uma série de procedimentos. Assim, vimos por meio deste, solicitar a permissão de utilização das informações dos atletas bolsistas desta renomada instituição e o acesso aos professores para realizar a coleta de dados da pesquisa, sob a responsabilidade do Professor Michel Habib Monteiro Kyrillos e do orientador Prof. Afrânio de Andrade Bastos

Em nenhum momento o atleta será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dos mesmos será preservada.

A instituição não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá entrar em contato com:

Atenciosamente

Afranio de Andrade Bastos  
Chefe do DEF/CCBS/UFS

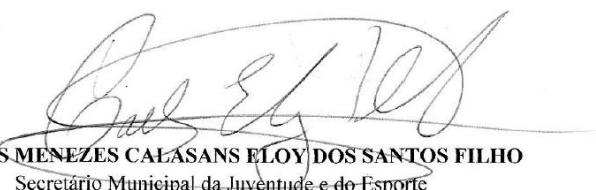


ESTADO DE SERGIPE  
PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACAJU  
SECRETARIA DA JUVENTUDE E DO ESPORTE - SEJESP

## DECLARAÇÃO

Permissão de utilização dos dados relacionados aos atletas do Programa de Apoio ao Esporte Municipal, Aracaju Bolsa Atleta 2015, para fins de pesquisa científica, sendo permitida a coleta de dados pelo mestrando Michel Habib Monteiro Kyrillos e de seu orientador Prof. Dr. Afrânio de Andrade Bastos, devendo a pesquisa obedecer aos Critérios da Ética em pesquisa com seres humanos conforme resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde

Aracaju, 13 de Julho de 2015.



CARLOS MENEZES CALASANS ELOY DOS SANTOS FILHO  
Secretário Municipal da Juventude e do Esporte

Av. Gonçalo Prado Rollemberg, nº 1145, Bairro São José, Aracaju- SE  
TEL: (79) 3211-9124



HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE  
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Motivação, Habilidade Percebida e Desejo de Aceitação Social de atletas jovens de Sergipe

**Pesquisador:** Michel Habib Monteiro Kyrillos

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 44038515.0.0000.5546

**Instituição Proponente:** Departamento de Educação Física

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.177.281

**Data da Relatoria:** 07/08/2015

**Apresentação do Projeto:**

O estudo trata de relacionar os motivos para a prática esportiva, bem como a habilidade percebida e o desejo de aceitação social de atletas jovens de Sergipe. Terá como amostra atletas com idade entre 14 e 25 anos selecionados pelo programa Bolsa Atleta da prefeitura municipal de Aracaju-SE e em atletas que não foram selecionados pelo programa. Ao final deste estudo, espera-se o desejo na aceitação social sirva de influência na motivação para a realização de uma prática esportiva.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Relacionar os motivos para a realização de uma prática esportiva, bem como a habilidade física percebida e o desejo de aceitação social de atletas jovens de Sergipe.

**Objetivo Secundário:**

Avaliar a auto eficácia de atletas; Observar os motivos que levam a realizar numa determinada prática esportiva; Determinar o nível de habilidade percebida dos atletas.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos**

Os pesquisadores reconhecem e se comprometem em evitar de toda forma de constrangimento, sempre informando aos sujeitos da amostra e seus representantes legais (no caso de menores de

**Endereço:** Rua Cláudio Batista s/n°

**Bairro:** Sanatório

**UF:** SE

**Telefone:** (79)2105-1805

**Município:** ARACAJU

**CEP:** 49.060-110

**E-mail:** cephu@ufs.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE  
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



Continuação do Parecer: 1.177.281

idade).

**Benefícios:**

Espera-se que, com a análise dos dados obtidos, possa-se contribuir para a melhoria da performance de atletas em qualquer nível de preparação, buscando indicadores para a intervenção de treinadores e atletas na sua aderência naquele esporte no qual pratica

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Relevante, que se caracteriza por ser um estudo de caráter descritivo, com abordagem quantitativa. A população será selecionada através de atletas de modalidades individuais e coletivas que recebem auxílio financeiro através do programa Bolsa Atleta da prefeitura municipal de Aracaju e atletas que não recebem e não foram inscritos no programa.

A faixa etária do estudo estará entre 14 a 25 anos, que disputam campeonatos locais, regionais e nacionais, de nível escolar e universitário.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos apresentados estão adequados.

**Recomendações:**

Não se aplicam.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não se aplicam.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

CEP: 49.060-110

Telefone: (79)2105-1805

E-mail: cephu@ufs.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE  
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



Continuação do Parecer: 1.177.281

ARACAJU, 10 de Agosto de 2015

---

Assinado por:  
Anita Herminia Oliveira Souza  
(Coordenador)